



05 de Janeiro de 2019
ANO I Nº 10

Filtro

Compilações Seleccionadas



Fora da Presidência e sem foro, Temer enfrentará 4 investigações

Ele responde a 3 denúncias por corrupção, organização criminosa, obstrução à Justiça e lavagem de dinheiro, e é investigado em inquérito que deve virar denúncia. Ele responde a 3 denúncias por corrupção, organização criminosa, obstrução à Justiça e lavagem de dinheiro, e é investigado em inquérito que deve virar denúncia.

Jair Bolsonaro toma posse como presidente



O presidente Jair Bolsonaro, entre a primeira-dama, Michelle, o ex-presidente Michel Temer (à dir.) e a ex-primeira-dama Marcela, durante a cerimônia de posse em Brasília EVARISTO SA AFP

Militar reformado é o 38º presidente do Brasil. Cerimônia de posse foi acompanhada por 115.000 pessoas.

Jair Bolsonaro (PSL) tomou posse nesta terça-feira, 1º de janeiro de 2019, e tornou-se o 38º presidente da República do Brasil. A cerimônia de posse presidencial durou cinco horas, com discursos no Congresso Nacional e no Palácio do Planalto. Após desfilar por Brasília ao lado da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, ele e o vice-presidente, o general Hamilton Mourão, prestaram juramento à Constituição e assinaram o termo de posse diante de um plenário da Câmara dos Deputados lotado.

Nos dois primeiros pronunciamentos como presidente, Bolsonaro reforçou o discurso

usado na campanha de combate ao "socialismo" e à "ideologia de gênero": "Essa é nossa bandeira e jamais será vermelha. Só será vermelha se for preciso nosso sangue para mantê-la verde e amarela", afirmou, diante de uma multidão que o assistiu recebendo a faixa presidencial de Michel Temer (PMDB). A última solenidade da posse foi a recepção dos chefes de Estado, políticos, líderes religiosos, empresários e outros convidados no Palácio do Itamaraty, à noite. Donald

Trump não veio, mas fez questão de postar mensagem no Twitter em aceno ao novo ocupante do Planalto.

No dia da posse, Bolsonaro assinou seu primeiro decreto como presidente, fixando o valor do salário mínimo em 998 reais. O valor é abaixo do previsto no orçamento da União, de 1.006 reais, e que foi enviado em agosto do ano passado ao Congresso pelo Governo de Michel Temer. Também editou sua primeira Medida Provisória com a

reformulação dos ministérios e suas atribuições. O texto inclui mudança radical na maneira de demarcação das terras indígenas (antes com a Funai) e de quilombolas, que ficarão sob a batuta do Ministério da Agricultura.



O presidente Jair Bolsonaro e a primeira-dama, Michelle, desfilam no Rolls Royce presidencial pelas ruas de Brasília. CARL DE SOUZA AFP



Alexandre Garcia

“Não vou ser porta-voz de ninguém”

Em 1980, o jornalista Alexandre Garcia, então com 40 anos, era o porta-voz do general João Batista Figueiredo, presidente da República, ainda durante a ditadura militar. E os militares, como agora, eram tradicionalistas em matéria de costumes. Foi diante desse quadro que Garcia concedeu uma rumorosa entrevista para a revista masculina “Ele & Ela”, com o título “O porta-voz da abertura”, deitado numa cama, de cueca, coberto apenas por uma toalha felpuda. Sem pudor, ele declarava: “É aqui que eu abato minhas lebres”. Foi um escândalo e ele foi demitido depois de 18 meses como porta-voz do general. Hoje, aos 78 anos, ele acaba de se desligar da TV Globo, onde, por 30 anos, foi comentarista político e apresentador eventual do Jornal Nacional. A demissão da Globo, ocorrida no final do ano, coincidiu com a posse do presidente Jair Bolsonaro. Não demorou para surgirem comentários de que ele seria o porta-voz do novo presidente. As especulações aumentaram quando ele foi visto conversando com Bolsonaro, seus filhos e ministros do novo governo, na solenidade de posse no Itamaraty. Em entrevista à ISTOÉ, contudo, Garcia nega que será o porta-voz do novo presidente.

Depois de trinta anos na TV Globo, o senhor deixou a emissora e há comentários de que pode vir a ser o porta-voz do presidente Bolsonaro. Como está essa negociação?

Não tem essa conversa. Eu não serei porta-voz de ninguém.

Mas o senhor esteve com o presidente e com seus filhos no dia da posse e cresceu a especulação de que o senhor poderia ter ido conversar com ele sobre essa possibilidade.

Eu estava na recepção no Palácio do Itamaraty, onde eles estavam. Apenas isso.

O senhor descarta essa ideia ou ainda é há chances de se tornar o porta-voz do novo governo?

Eu descarto. Vou ficar nas redes sociais.

Mas desde que o senhor saiu da Globo, praticamente às vésperas da posse de Bolsonaro,

circulou a informação de que essa possibilidade era grande. O senhor acha que ele necessita de um porta-voz?

Isso é ele quem sabe. Precisa perguntar a ele.

O senhor chegou a dar algum conselho a ele, quanto à necessidade dele ter um jornalista experiente para orientá-lo no trato com a imprensa?

Quem sou eu para dar conselho para um homem que se elegeu presidente da República.

Certamente ele ouviria sua opinião...

Mas eu sou jornalista, não sou conselheiro de ninguém.

No passado o senhor já teve uma experiência nesse sentido, foi porta-voz do então presidente da República, o general João Batista Figueiredo. O senhor não gostaria de repetir essa experiência?

Isso faz 40 anos.

E o senhor não gostou da experiência de ser assessor?

Foi uma experiência interessante

E o senhor não gostaria de repetir a experiência?

De jeito nenhum.. Foi bom para conhecer o outro lado. Mas profissionalmente foi muito didático.

O senhor já disse que prefere agora dedicar-se às mídias sociais, à sua coluna na mídia?

Eu escrevo para quinze jornais. Falo diariamente com 280 emissoras de rádio. Estou com uma meta de ter 1 milhão de seguidores no twitter. Estou com 1,4 milhão de visualizações nas mídias sociais. Eu quero ficar na rede social. Afinal, a rede social elegeu um presidente da República. Isso me deu uma dica. Então é por aí que eu vou. Quero ficar na rede social.

Essa estratégia dele em ocupar mais as redes sociais e falar menos com a mídia tradicional é correta?

Isso tem que perguntar para ele. Eu não sou

analista dele. Sou jornalista.

Como o senhor está vendo a imprensa em relação a ele?

Eu só faço análise do meu comportamento. Eu tenho a devida humildade para não analisar o comportamento dos outros.

O senhor acha que a imprensa o trata bem ou é muito radical em relação a ele?

Isso você tem que perguntar a ele. Ele é quem sabe. Eu não tenho a menor ideia.

E o senhor nunca teve a oportunidade de discutir com ele o relacionamento que ele deveria ter com os jornalistas?

No dia da posse, em que eu apertei a mão dele, fazia uns três anos que eu não falava com ele.

Em relação à mídia tradicional, o senhor acha que ele se relaciona bem ou mal? Ele deveria mudar a postura em relação aos jornalistas?

Você me pergunta coisas como se eu fosse ou quisesse ser o porta-voz dele. Eu sou tão jornalista quanto você. Estou vendo as coisas de longe.

E como o senhor está vendo o governo Bolsonaro? Acha que ele vai conseguir mudar o País e, sobretudo, as práticas de relacionamento com a política tradicional, do toma-lá-dá-cá?

O problema é que hoje a imprensa vive muito do achismo. Eu falo sobre fatos, como aprendi na faculdade em 1970. Portanto, precisamos ver como os fatos vão acontecendo. Eu não acho nada sobre o que pode vir a acontecer.

Pela sua experiência de 60 anos como jornalista, o senhor acredita que o governo Bolsonaro conseguirá implantar as mudanças prometidas na campanha?

Eu não sou João de Deus e não sou vidente. Eu falo sobre o presente e sobre os fatos que já passaram. Não arrisco a falar sobre o que vai acontecer no futuro.

Fora da Presidência e sem foro, Temer enfrentará 4 investigações



Ele responde a 3 denúncias por corrupção, organização criminosa, obstrução à Justiça e lavagem de dinheiro, e é investigado em inquérito que deve virar denúncia.

By Marcella Fernandes

Com o fim do mandato de presidente da República, **Michel Temer** terá de enfrentar as 4 investigações das quais é alvo. Sem cargo no governo de Jair Bolsonaro, o emedebista irá perder o foro privilegiado - ou seja, será julgado pela Justiça comum.

Temer responde a 3 denúncias envolvendo os crimes de corrupção passiva, chefiar organização criminosa, obstrução à Justiça e lavagem de dinheiro. Ele também é investigado em um inquérito que deve levar a uma quarta denúncia, por corrupção.

As denúncias feitas pela Procuradoria-Geral da República estão no STF (Supremo Tribunal Federal). Para que os processos cheguem à primeira instância, é preciso um despacho dos relatores dos inquéritos, o que pode demorar. O mais comum é que os ministros despachem só em fevereiro, após o fim do recesso do Judiciário.

São os relatores que escolhem para qual tribunal vai o processo. A Procuradoria-Geral da República defende o envio desses casos para a Justiça Federal em Brasília.

Dois inquéritos são de responsabilidade do ministro Edson Fachin e um terceiro, de Luís Roberto Barroso. As duas primeiras denúncias estão paradas por decisão da Câmara dos Depu-

tados. Os parlamentares rejeitaram a continuidade das investigações em agosto e em outubro de 2017.

Ainda que recebesse um cargo com foro privilegiado, os casos deveriam ser julgados pela Justiça comum devido ao novo entendimento do STF. Em maio de 2018, a Corte decidiu restringir a prerrogativa a crimes praticados no exercício do cargo vigente e em razão dele.

Na primeira instância, os procuradores encarregados dos casos poderão fazer alterações nos processos e até desistir de levar adiante as acusações.

Saiba quais são acusações contra Temer.

Denúncia 1: Mala de dinheiro

A primeira denúncia, feita pelo então procurador-geral Rodrigo Janot, acusa Temer de corrupção passiva. A suspeita é que ele era o destinatário dos R\$ 500 mil apreendidos com o ex-assessor Rodrigo Rocha Loures.

O ex-deputado virou réu em 2017, após o STF mandar a parte do processo sobre ele para a primeira instância da Justiça. Loures chegou a entregar a mala com a suposta propina da J&F à Polícia Federal, em maio de 2017.

Preso em prisão domiciliar, o ex-assessor afirmou, em depoimento na 15ª Vara Federal de Brasília, em novembro, que não abriu a mala, mas sabia que havia conteúdo ilícito e

não queria recebê-la.

Temer, por sua vez, afirmou à Polícia Federal que nunca pediu ou autorizou Loures a receber em seu nome recursos de campanha "ou de qualquer outra origem".

Com a denúncia de Janot, o emedebista se tornou o primeiro presidente brasileiro no exercício do mandato a ser denunciado por um crime comum. A investigação começou após um acordo de colaboração premiada firmado por diretores da JBS - empresa controlada pela J&F - com o Ministério Público Federal.

O acordo envolveu a gravação de um diálogo do presidente com o empresário Joesley Batista, sócio da JBS.

Denúncia 2: 'Tem que manter isso aí'

A segunda denúncia, também apresentada por Janot, acusa o presidente de chefiar uma organização criminosa e de tentar obstruir a Justiça comprando o silêncio do ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (MDB-RJ).

Na conversa gravada por Joesley, em março de 2017, o empresário diz a Temer que dava a Cunha e ao operador Lúcio Funaro uma mesada para que permanecessem calados na prisão e o então presidente responde: "Tem que manter isso, viu?".

Continua...



Na época, a Secretaria Especial de Comunicação da Presidência disse que o presidente "jamais solicitou pagamentos para obter o silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha" e que Temer não participou ou autorizou "qualquer movimento com o objetivo de evitar delação ou colaboração com a Justiça pelo parlamentar".

Denúncia 3: Decreto dos Portos

Apresentada ao STF em dezembro pela procuradora-geral da República, **Raquel Dodge**, a terceira denúncia contra Temer acusa o presidente de corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

A investigação apura se houve ilegalidade em decreto que beneficiou empresas do setor de portos, assinado em maio de 2017. Segundo Dodge, o esquema movimentou R\$ 32,6 milhões entre 2016 e 2017, e Temer teria recebido propina.

Com a proximidade do fim do mandato

presidencial, não houve tempo para a Câmara votar se a denúncia deveria ser aceita ou não.

A defesa do emedebista afirmou que "o senhor presidente da República não praticou qualquer dos delitos que lhe foram atribuídos e que, seguramente, não há elementos suficientes para justificar a conclusão lá exposta".

Jantar no Jaburu

Além das 3 denúncias, Temer é alvo de inquérito que investiga a prática do crime de corrupção junto com dois ministros, **Moreira Franco** (Minas e Energia) e **Eliseu Padilha** (Casa Civil), envolvendo dinheiro ilícito da Odebrecht em 2014.

De acordo com as investigações, o repasse ilícito de R\$ 10 milhões ao MDB foi acertado em jantar no Palácio do Jaburu em maio de 2014 com Temer, Padilha, o então presidente da empreiteira Marcelo Odebrecht e o ex-executivo Cláudio Melo Filho.

Segundo delatores da empresa, o montante

seria uma forma de pagar por interesses da empreiteira atendidos pela Secretaria de Aviação Civil, comandada entre 2013 e 2015 por Padilha e Moreira Franco.

Temer admitiu que houve o jantar mas negou a negociação. Na época em que o conteúdo da delação foi divulgado, o Palácio do Planalto divulgou nota informando que o presidente Michel Temer repudiava "com veemência" os relatos.

Nesse caso, o ministro Edson Fachin enviou a parte relativa a Moreira e Padilha para a Justiça Eleitoral, mas Dodge recorreu para que o processo fosse para a Justiça Federal comum, onde a punição é maior.

A PGR não denunciou o presidente porque se tratam de fatos anteriores ao mandato. Com a saída de Temer do Palácio do Planalto, a parte relativa a ele deverá seguir para a mesma vara onde seus aliados serão julgados.

Fonte: huffpostbrasil.com

AGORA COM 15 MESES DE GARANTIA

CARIACICA 3336-5636 | SERRA 3328-4770



Baterias
SUPER LIGHT

Há 30 anos trabalhando com as melhores marcas



JUDAS ISCARIOTES: DE TRAIADOR A HERÓI

Documentos históricos questionam a imagem de vilão do apóstolo acusado de trair Jesus Cristo



Judas Iscariotes, o apóstolo que, por 30 moedas, entregou Jesus Cristo aos soldados romanos que o crucificaram, não foi um traidor, mas, sim, um herói. Judas agiu dessa maneira a pedido do próprio Jesus, que tinha de ser crucificado para voltar como o salvador da humanidade. Essa interpretação ganhou força graças a um antigo manuscrito do século 4 que só agora, depois de quase 17 séculos, foi revelado ao público. Chamado de Evangelho de Judas, o documento foi descoberto nos anos 1970 numa caverna no Egito e resistiu ao tempo graças ao clima seco da região. Desde então o manuscrito passou por diversas mãos até ser entregue em 2001 à Fundação Mecenat, em Basiléia, na Suíça. Trata-se de um documento de 31 páginas de papiro, cujo texto em egípcio antigo (o copta) teria sido escrito pelos cainitas, uma seita herética do início do cristianismo. O conteúdo, divulgado na Páscoa de 2017 pela revista National Geographic, é motivo de acalorados debates dentro e fora da Igreja Católica e, acima de tudo, revela quão pouco ainda sabemos sobre a vida de Jesus Cristo.

Há registros sobre a existência do Evangelho de Judas desde o século 2, quando Irineu, bispo de Lyon, na Gália romana, escreveu um tratado intitulado *Contra as Heresias*, no qual condena os cainitas por venerarem Judas. “Eles (os cainitas) produziram uma história fictícia, a qual chamam de Evangelho de Judas”, afirma o texto, escrito no ano 180. Estudiosos apontam que o manuscrito recentemente traduzido pelo suíço Rodolphe Kasser, um dos maiores especialistas em língua copta do mundo, é do século 4 e seria uma versão do original grego do século 2 a que se refere Irineu. O bispo de Lyon indicou os quatro evangelhos canônicos – de Mateus, de João, de Marcos e de Lucas – como os únicos que os cristãos deveriam ler. Sua lista acabou se tornando a política oficial da Igreja e perdura até hoje. Os demais manuscritos dos primórdios do cristianismo foram considerados apócrifos (não reconhecidos pela Igreja), entre eles o Evangelho de Maria, sobre Maria Madalena, e o Evangelho de Judas. Acredita-se que os autores dos textos apócrifos pertenciam, em sua maioria, ao gnosticismo, movimento religioso que rivalizou com a Igreja Católica

nos primeiros séculos depois de Cristo.

Por essa razão, Judas sempre foi tido como um dos grandes vilões da Bíblia. Basta olhar no dicionário: judas é sinônimo de traidor, do indivíduo que trai a confiança dos outros. Todos os anos, em dezenas de países, bonecos feitos à sua imagem são malhados e queimados em praça pública no Sábado de Aleluia. Um castigo simbólico contra alguém que, segundo os evangelhos tradicionais, entregou o mestre aos carrascos no Jardim das Oliveiras, identificando-o com um beijo na face. Na nova interpretação, no entanto, Judas teria agido a pedido de Jesus, mesmo sabendo que depois seria perseguido por causa de seu ato. “Você será amaldiçoado”, teria alertado Jesus a Judas, seu discípulo favorito. Cumprida sua missão, Judas não teria se enforcado, como registram os evangelhos canônicos, mas se retirado para meditar no deserto.

“Essa descoberta espetacular de um texto antigo, não-bíblico, é considerada por especialistas uma das mais importantes atualizações dos últimos 60 anos no que se refere ao nosso conhecimento sobre a história e a diferentes opiniões teológicas sobre o começo da era cristã”, afirmou Terry Garcia, vice-presidente-executivo da National Geographic, ao divulgar o manuscrito. A opinião é compartilhada pelo especialista em escrituras bíblicas Charles Hedrick, professor da Universidade do Missouri, nos Estados Unidos. “Nesse texto, Judas não é o vilão. É o mocinho”, afirma. Na principal passagem do documento, Jesus diz a Judas: “Tu superarás todos eles. Tu sacrificarás o homem que me cobriu”. Segundo estudiosos, a frase significa que Judas ajudaria a libertar o espírito de Jesus de seu invólucro carnal.

Culpa dos judeus

Apesar da nova versão que veio agora à tona, a imagem de Judas cristalizada no imaginário popular é a do “vilão sinistro”, disposto a fazer qualquer coisa por dinheiro. Há quem diga que a construção dessa imagem fez parte de uma tentativa cristã de disseminar o anti-semitismo. Para se desvincular do judaísmo, cristãos teriam achado conveniente responsabilizar os judeus pela execução de Cristo e teriam usado a ima-

gem de Judas para criar o estereótipo judeu. Assim, o governador romano Pôncio Pilatos teria um papel bem menor que o de sacerdotes judeus e Judas na morte de Jesus. Em pinturas da Idade Média, Judas é retratado com um nariz grande e adunco, em traços exagerados, geralmente associados aos semitas. Em *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, ele é relegado ao último dos círculos do Inferno, onde é devorado por Lúcifer. O teólogo Fernando Altemeyer, professor da PUC-SP, lembra que Judas não foi o único apóstolo a trair Jesus: “Os outros também o fizeram, ao abandonar o mestre. Pedro, por exemplo, negou o amigo três vezes”. O único a levar a culpa, no entanto, foi Judas.

Apesar de toda a polêmica, o Vaticano deixou claro que a divulgação do manuscrito não representará qualquer mudança de sua posição. O jornal britânico *The Times* afirmou que o monsenhor Walter Brandmuller, presidente do Comitê Pontifício para Ciências Históricas, estaria liderando uma comissão do Vaticano para reabilitar Judas – informação rapidamente negada por Brandmuller. “Não há nenhuma campanha no Vaticano, nenhum movimento para a reabilitação do traidor de Jesus”, afirmou o monsenhor, que definiu o documento como um “produto de uma fantasia religiosa”. Segundo Brandmuller, apesar de lançar luzes para melhor compreensão do cristianismo primitivo, o texto continuará sendo considerado herético pela Igreja Católica. Parece que ainda não será dessa vez que o último dos apóstolos conseguirá reverter a sua imagem de vilão.

As peripécias do papiro

Depois de ter sido descoberto no Egito nos anos 1970, o papiro com o Evangelho de Judas foi provavelmente roubado e contrabandeado. Em 2000, o documento chegou às mãos de uma comerciante grega de antiguidades e, no ano seguinte, foi entregue à Fundação Mecenat, na Suíça, para ser restaurado e traduzido. O acordo envolveu a National Geographic, que teria pago cerca de 1 milhão de dólares pelos direitos de publicação da história.

Amaro Coutinho Vende: Propriedade Rural com Fonte de Água Mineral de mesa Fluoretada



Detalhes

Localização:

Região de Aruaba, Serra/ES

Medidas:

Área de 100.000 metros quadrados. Área: 21,5 Hectares. Propriedade com fonte de água mineral de mesa fluoretada.

Todas as análises feitas em laboratório e pronta para comercialização.



PERITO AVALIADOR - CNAI 20076 | CORRETOR - CRECI - ES 8831-F
27 3067-2227 | + 55 27 99960-2727
Av. Eudes Sherrer de Souza, 1025
Sala 814, Laranjeiras, Serra/ES, BR

Confira

Amaro Coutinho Vende: Fazenda no Estado do Pará



Características:

A Fazenda fica localizada em Santa Maria da Barreiras - PA, na margem da Rodovia 158 entre Redenção (100 km) e Santana do Araguaia (65 km), ao lado da Vila de Casa de Tábua, as vendas de bois são realizadas para os frigoríficos da JBS em Redenção e Santana do Araguaia; Rio Maria e Vila Rica - MT.

Possuímos 7.632,36 ha com 6.422,36 de abertura e apenas 1.210 ha de mata (15,85%), os pastos são divididos em 4 retiros, todos com currais centrais e balanças eletrônicas, represas e água abundante cortada pelos Rios Inajá e da Vaca, ultrapassando mais de 100 pastos formados com Mombaça (forma nova)



PERITO AVALIADOR - CNAI 20076 | CORRETOR - CRECI - ES 8831-F
27 3067-2227 | + 55 27 99960-2727
Av. Eudes Sherrer de Souza, 1025
Sala 814, Laranjeiras, Serra/ES, BR

Confira

Piatã (forma nova), Humidícula, Brachiaria, MG5, contamos também com 4 rotacionados com áreas de lazer no centro. A fazenda conta com rede elétrica em todo retiro 01, abrangendo: casa sede com 4 quartos (ar condicionado), escritório, curral, 2 casas de vaqueiros, fábrica de ração, galpão tratores, serraria. Os demais retiros, possuem geradores próprios. A cultura de soja chegou na região e já é uma realidade, tendo diversas fazendas ao nosso redor com plantações feitas recentemente e com estruturas completas de silos. Pela topografia plana da Fazenda, consegue-se plantar grãos entre 65% a 70% da área ou seja entre 4.175 há a 4.495 há.

Valor:

R\$55.000.000,00 (cinquenta e cinco milhões)

A luta para acabar com a mutilação genital feminina no Curdistão iraquiano



Por Maya Gebeily, AFP

A pesar da ameaça de chuva na localidade de Sharboty Saghira, no Curdistão iraquiano, uma mulher se recusa a se mover da porta de uma casa onde duas meninas correm o risco de sofrer mutilação genital.

"Sei que estão em casa! Só quero conversar", grita a curda iraquiana Kurdistan Rasul, de 35 anos, que empreende uma cruzada com a ONG WADI contra a mutilação genital feminina (MGF).

A própria Rasul foi vítima de MGF, uma prática por meio da qual os genitais externos femininos são extirpados totalmente ou parcialmente, e que era extremamente frequente na região curda.

A campanha da WADI ajudou a reduzir esta prática e Rasul contribui para erradicá-la em Sharboty Saghira, ao leste da capital regional, Erbil. Já visitou a localidade em 25 ocasiões, desafiando a teoria do imame de que o Islã ordena a MGF e alertando as parteiras sobre os riscos de infecção e trauma emocional.

Nesta manhã de céu cinza, Rasul convida os moradores a conversarem sobre sua saúde na mesquita e aproveita para descrever os riscos da MGF. Uma mulher se aproxima dela e conta que sua vizinha planeja submeter suas duas filhas à mutilação genital.

Isso leva Rasul até a casa, onde bate na porta, antes de começar a pedir freneticamente que a deixem entrar. Mas a porta continua fechada.

"Estamos mudando as convicções das pessoas. Por isso é tão difícil", conta Rasul à AFP,

afastando-se da casa.

"Eu era só uma menina" -

A MGF é praticada há décadas no Curdistão iraquiano, uma região que em geral é conhecida por suas posturas progressistas em termos de direitos da mulher.

As vítimas costumam ter quatro ou cinco anos e ficam afetadas durante anos, com sangramentos, sensibilidade sexual extremamente reduzida, rasgos durante os partos e depressão. Algumas morrem devido à perda de sangue ou a infecções.

As autoridades curdas proibiram a MGF em 2011 por meio de uma lei sobre violência doméstica, ameaçando os responsáveis com até três anos de prisão e uma multa de cerca de 80.000 dólares. Desde então, o número de casos diminuiu.

Segundo uma pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) de 2014, 58,5% das mulheres do Curdistão tinham sido mutiladas.

Atualmente, a taxa é de 37,5% para as mulheres de entre 15 e 49 anos. No resto do Iraque, é inferior a 1%.

"Me cortou, estava doendo e eu chorei", lembra Shukriyeh, de 61 anos, sobre o dia em que sua mãe a mutilou, há mais de 50 anos. "Eu era só uma menina. Como ia me irritar com a minha mãe?"

As seis filhas de Shukriyeh também sofrem MGF, mas devido às campanhas intensas, se recusaram a fazer a mesma coisa com suas filhas.

Há alguns anos, Zeinab, de 38, permitiu que algumas mulheres de sua família mutilassem sua filha mais velha quando tinha três anos.

Após as sessões da WADI, protegeu suas outras duas filhas da mutilação genital.

"Naquele momento aceitei, mas agora não o faria. Sim, me arrependo. Mas o que posso fazer agora?"

"De mulheres contra mulheres" -

Para Rasul, é difícil combater um tipo de violência baseada em gênero que é praticada pelas próprias mulheres.

"O homens e as mulheres jovens concordam que deve-se pôr fim à MGF. Mas quando saímos de um povoado, as mulheres mais velhas dizem a eles: 'Tenham cuidado, essa ONG quer criar problemas'", conta.

"Eu digo a essas mulheres que isto é uma violência que elas fazem com suas próprias mãos, de mulheres contra mulheres", aponta Rasul.

A proximidade das que praticam a mutilação dificulta que as vítimas recorram à justiça.

"A lei de 2011 não está sendo aplicada porque as meninas não vão denunciar seus pais ou mães", aponta Parwin Hassan, que lidera a unidade contra a MGF do governo regional curdo.

Segundo Hassan, neste ano as autoridades curdas apresentarão uma estratégia para fortalecer a lei de 2011 e realizarão mais campanhas de conscientização. " " "



**CONHEÇA NOSSOS MÉDICOS
QUE CUIDAM DA SUA VISÃO**

Clínica de Olhos Bortot

Dr. Jobson Bortot

CRM 2616 - RQE 1641

Cirurgia Refratária
Plerígio - Lente de Contato

**Dr. Frederico Lírio
Nascimento Silva**

CRM 8429 - RQE 7072

Retina e Vítreo

Dr. Jobson Bortot Filho

CRM 9158 - RQE 8649

Catarata e Ultrassonografia Ocular

(27) 3371-1505

Av. João Felipe Calmon, 1098 - Centro - Linhares-ES CEP.: 29.900-010

E-mail: olhos@clinicabortot.com.br



**VINIL^{3M}
TAPETES**

QUALIDADE E TRADIÇÃO DESDE 1993

**SUA MARCA
NÃO VAI SAIR DA CABEÇA
DOS SEUS CLIENTES...
NEM DOS PÉS.**



TAPETES PERSONALIZADOS 3M



São usados em empresas, residências, prédios e diversos outros locais, Podem ser personalizados com a sua logomarca

LINHA EXTRA-RESISTENTE



Seus filamentos mais espessos e seu costado mais resistente, proporcionam maior durabilidade.

LINHA REALCE



Sua combinação especial de fibras, além de remover a sujeira, proporciona uma excelente retenção de umidade.

LINHA ACQUA



Indicado para locais com baixo tráfego de pessoas, onde a água e a sujeira causa problemas.

LINHA ÁREAS ÚMIDAS



Tapete usado como proteção antiderrapante em áreas úmidas, além de proporcionar uma superfície agradável.

LINHA ANTIFADIGA CONFORT



Reduzem os sintomas dos desconfortos provenientes de estresse ou fadiga corporal.

TELEVENDAS: Vitória (27) 3338-6688 | Rio (21) 2471-7647 | Bahia (73) 3291-7805

www.viniltapetes.com.br

A vida secreta de Louis Armstrong

A Casa Museu do trompetista digitalizou suas coleções, revelando facetas desconhecidas de Satchmo

DIEGO A. MANRIQUE – EL PAIS

Poucos artistas foram mal interpretados como Louis Armstrong (1901-1971), conhecido como Satchmo. Sua imagem pública era a do negro risonho, cantando com uma boca grande e dentes branquíssimos, disparando rajadas de trompete e secando o suor com um lenço. Onipresente durante cinco décadas, chegou aos primeiros lugares inclusive nos anos sessenta, com canções adoráveis como *Hello Dolly* e *What a Wonderful World*. No entanto, e foi tão revolucionário em seu tempo quanto Jimi Hendrix: com suas gravações dos anos vinte, transformou uma música grupal (o hot, o primeiro jazz) em expressão de solistas intrépidos, de grande talento físico e criatividade inesgotável.

Tão suave acabou sendo sua reputação que causa certa surpresa verificar que por trás dessa imagem havia uma pessoa briguenta e curiosa. Já sabíamos de alguma coisa, graças a sua extensa bibliografia, mas agora podemos ver a que Louis Armstrong se dedicava em seu tempo livre. Sua Casa Museu digitalizou cartas, fotografias, manuscritos, colagens, partituras, livros de recortes e outros documentos aos quais se pode ter acesso de qualquer parte do mundo (www.louisarmstronghouse.org).

Armstrong vivia em uma casa modesta no bairro de Corona, no distrito nova-iorquino do Queens. Sua quarta esposa, Lucille, com quem conviveu por trinta anos, teria preferido um endereço mais elegante, mas Louis apreciava as vantagens de estar rodeado por sua gente. Ali ninguém se escandalizava que Pops, como o chamavam, fumasse maconha, um “hábito medicinal” que causava consternação em admiradores brancos (e puritanos) como o produtor John Hammond. Diz a lenda que, em 1953, encontrou Richard Nixon na pista de um aeroporto. O então vice-presidente o respeitava: carregou uma de suas malas e o conduziu para a entrada das autoridades, evitando sua passagem pela alfândega. Sem saber, Nixon tinha autorizado o contrabando de Armstrong.

Riscos que Louis assumia conscientemente (só foi detido pelo consumo de erva em Los Angeles, depois da denúncia de um concorrente, e se saiu bem do incidente). Tinha vivido situações muito mais difíceis nos anos vinte e trinta, quando atuava em clubes controlados por mafiosos que — como no caso de Al Capone — até podiam apreciar o jazz, mas exigiam que os músicos atendessem suas exigências. A solução foi aliar-se a um deles, Joe Glaser, que o representou até morrer em 1969.

Louis não era bobo nem inocente, como muitos acreditavam. Muito consciente de sua relevância artística, tentava analisá-la redigindo suas lembranças e opiniões. Escrever lhe permitia enriquecer o personagem que se apresentava ao vivo. Ali tudo eram risadas e caretas; sozinho, refletia sobre suas vivências.



Louis Armstrong, em sua casa em seu 70º aniversário em 1970. BETTMANN BETTMANN ARCHIVE

Dedicado e muito exigente consigo mesmo, mostrava-se tolerante com os vícios e caprichos de seus colegas.

Desenvolveu uma escrita que refletia seu domínio da gíria do mundinho do jazz e explicitava suas crenças mais profundas. Assim, era um defensor da aliança entre negros e judeus, duas minorias que se irmanaram de forma harmoniosa, pelo menos até o surgimento do movimento Black Power. Apesar de viajar com uma máquina de escrever, em sua casa gravava a si mesmo com gravadores de fita aberta. Anos depois, quando John Lennon soube disso, imitou a ideia.

Armstrong passava para a fita muitos discos

de sua coleção, incluindo registros piratas dos insurgentes do be-bop; sabia que o criticavam, mas não podia deixar de reconhecer a intensidade expressiva de Charlie Parker e companhia. Louis adorava trabalhar como locutor de rádio. Era um disc jockey erudito e veemente: no meio do “programa” podia se por a discutir afirmações de companheiros já falecidos, como o pianista Jelly Roll Morton, formidável ambicioso, que alardeava para si os méritos que correspondiam a Armstrong, como a popularização do scat (improvisação vocal com vocábulos inventados).

Continua...



O estúdio de Louis Armstrong em sua casa no Queens, Nova York. STAN HONDA AFP/GETTY IMAGES

Também usava seus aparelhos para gravar entrevistas com jornalistas em quem não confiava. Recordava experiências ingratas com redatores a quem tinha proporcionado informação com generosidade (e, em algum caso, pequenas quantidades de dinheiro) e que depois não cumpriram o prometido. Como o jazz tinha uma reputação duvidosa (Armstrong guardava o recorte de um jornal britânico no qual era descrito como “um gorila”), o reflexo midiático favorável era uma necessidade básica.

Com cola e tesoura, Armstrong fazia colagens que revelavam seus gostos e preocupações. Apareciam, por exemplo, figuras políticas que combatiam o apartheid norte-

americano. Tinha conhecimento suficiente dos mecanismos de Washington para entender que seu simpático amigo Nixon não foi o responsável por enviar tropas federais a Little Rock, capital do Arkansas, para garantir a entrada de estudantes negros em um colégio reservado a brancos: Louis mandou um telegrama efusivo de felicitação ao presidente Eisenhower, depois de ter declarado que o persistente racismo sulista tornava difícil agir como embaixador dos Estados Unidos nas turnês pelo exterior organizadas pelo Departamento de Estado.

As colagens funcionavam também como lista de ícones musicais. Incluía instrumentistas brancos como Bix Beiderbecke, prodigioso

trompetista de origem alemã que faleceu aos 28 anos. Sua presença merece ser destacada, já que Bix vinha de uma boa família e isso, para Louis, era um inconveniente: acreditava que a pobreza funcionava como estímulo para a criatividade.

No entanto, convertido em presença habitual em programas de televisão e comédias de Hollywood, ficou marcado com o estereótipo do Pai Tomás. Sabia que era injusto e que um dia as particularidades de sua trajetória seriam reconhecidas. Durante as gravações de seu último LP, um de seus colegas mais ariscos apareceu no estúdio: Miles Davis. Mas para Davis era claro: “No trompete de jazz, não há nada que não venha de Louis”.



A Avance Trade Company é uma empresa distribuidora de máquinas, automação, eletroeletrônicos, informática

Comercialização de equipamentos/produtos nacionais e importados na área de:

- Instrumentação;
- Automação Industrial;
- Laboratorial e Hospitalar;
- Áudio/vídeo, informática e suprimentos (Fotografia)
- Cozinha Industrial;
- Móvel empresarial;
- Equipamentos de medição;
- Equipamentos de Segurança e Sinalização;
- Refrigeração;
- Limpeza Industrial;
- Telecomunicação;
- Elétrica, eletrônica;
- Ferramentas;

Tels.: (27) 3347-1842 | 3347-4569 | 3026-4021
www.avancenet.com.br **Confira**

Direção: Ir.: Kheyte Vasconcelos Gomes
comercial@avancenet.com.br

O que é a diabulimia, que é considerado um dos distúrbios alimentares mais perigosos do mundo

«Tenho a minha vida e tenho meus pés. São duas das coisas mais importantes para mim, considerando o dano que eu poderia ter causado a mim mesma»

BBC NEWS



Becky Rudkin tem diabulimia, transtorno alimentar que pode levar à morte

Becky Rudkin, de 30 anos, tem diabulimia - termo usado para descrever pessoas com diabetes tipo 1 que tomam deliberadamente menos insulina que o necessário com o objetivo de perder peso.

A diabetes tipo 1 - doença autoimune, que costuma ser diagnosticada na infância - ocorre quando o pâncreas não produz insulina suficiente. Seu tratamento prevê a aplicação de injeções diárias do hormônio, responsável por controlar a glicose no sangue e fornecer energia ao organismo.

A diabulimia não é reconhecida oficialmente pela comunidade médica, mas uma verba de 1,2 milhão de libras (cerca de R\$ 5,7 milhões) acaba de ser concedida para o financiamento de uma pesquisa sobre o tema na Grã-Bretanha.

A expectativa é que os cientistas consigam elaborar um programa de tratamento eficaz para pessoas que sofrem com o transtorno.

Becky, que é de Aberdeen, na Escócia, participou do documentário da BBC *Diabulimia: The World's Most Dangerous Eating Disorder* ("Diabulimia: o Transtorno Alimentar Mais Perigoso do Mundo", em tradução livre), produzido em 2017.

Na época, ela revelou que, por não

estar tomando insulina suficiente, os ossos dos seus pés começaram a se desintegrar no que os médicos descreveram como "favo de mel e papa". Eles estavam tão frágeis que quebravam com frequência.

"O dano no nervo é tão sério que eu nem sinto - só consigo ver o quão inchados estão", relatou na ocasião.

Becky precisou usar muletas por causa do problema nos pés e passou três anos entrando e saindo de uma clínica de distúrbios alimentares.

A diabulimia é considerada mais perigosa do que a anorexia e a bulimia. Nos casos mais graves, pode levar à insuficiência cardíaca, à amputação de membros e até à morte.

"As pessoas com diabetes tipo 1 (que

sofrem com o distúrbio) têm medo que a insulina leve ao ganho de peso. Esse medo é tão forte que faz com que omitam a dose de insulina que precisam tomar com o objetivo de perder peso", explicou Khalida Ismail, professora do King's College London, especializada em diabetes e saúde mental, ao documentário da BBC.

"Se um paciente com diabetes tipo 1 não tomar insulina, ele vai morrer muito rápido", completou.

Diário da diabulimia

Em 2016, a BBC News Brasil **relatou o caso** da britânica Lisa Day, que morreu em 2015, aos 27 anos, após sofrer por anos de diabulimia.

Ela tinha sido diagnosticada com diabetes tipo 1 aos 14 anos de idade. Por isso, precisava de injeções diárias de insulina e tinha de cuidar da dieta. Mas ela tomava quantidades bem abaixo de insulina do que deveria. Os efeitos do descompasso no uso da medicação foram devastadores: emagreceu, teve problemas nos rins e nos olhos. Com a saúde debilitada, sofreu um infarto fatal.



Continua...

Katie Edwards, a irmã mais velha de Lisa, cedeu à BBC trechos do diário escrito pela caçula, para alertar a respeito desse distúrbio pouco conhecido.

Lisa começou a escrever o diário pouco depois de ser diagnosticada com diabetes, em setembro de 2001.

Os relatos revelam um perfil típico de uma jovem com anorexia, mas que também tem de lidar com o diabetes:

"15 de março de 2002

Me sinto tão gorda. Me odeio. Amanhã começo a trabalhar em um petshop. Há uma discoteca no FC amanhã. Vou com Holly.

18 de março de 2002

Tive uma 'hipo' (hipoglicemia) terrível na hora do almoço. Estava sentada com Mike e sua namorada. Não acho que ele ache que eu estou em boa forma."

A ciência por trás da diabulimia

A ciência básica por trás da diabulimia é que, sem insulina para processar a glicose, o corpo não pode quebrar os açúcares dos alimentos para obter energia. Em vez disso, as células do corpo começam a quebrar a gordura já armazenada no organismo, liberando o excesso de açúcar pela urina. Na ausência de gordura, o corpo começa a queimar músculo.

Um ano depois do documentário, Becky contou ao programa *Newsbeat*, da Radio 1 da BBC, que "as coisas meio que melhoraram" para ela

Ela não precisa mais usar muletas, tampouco consultar a equipe de acompanhamento de saúde mental. E diz que está animada com os planos para o futuro:

"Estou noiva e vou me casar. Meu companheiro foi morar comigo e temos uma cachorrinha."

"Ela é meu bebê agora e isso tem me ajudado muito. Animais de estimação têm esse poder, ela me dá muito carinho", contou.

O financiamento para a pesquisa sobre diabulimia foi obtido pela cientista clínica Marietta Stadler, que trabalha no King's College



Becky e Joe ficaram noivos no ano passado e estão planejando se casar em julho

Hospital, em Londres.

Ela e sua equipe vão usar a verba para tentar entender melhor a condição. Para isso, vão entrevistar pessoas que apresentam o transtorno.

"Você não pode ter um bando de médicos decidindo sobre uma intervenção, as pessoas que vivem com a condição precisam estar envolvidas", diz ela.

A pesquisa deve levar cinco anos, e o plano atual é criar um programa de tratamento de 12 módulos - uma sessão quinzenal por seis meses - para pacientes com diabulimia.

Ao saber da pesquisa, Becky diz que "já não era sem tempo, porque o diabetes é negligenciado". Mas ela também manifesta algumas preocupações.

"Todo mundo é diferente e cada um de nós trata a diabulimia e diabetes de formas completamente distintas. Então eu suponho que é onde poderia pegar um pouco."

"O que você pode fazer em 12 sessões com alguém que tem diabulimia? Você não vai a fundo em um encontro quinzenal, não sei se é suficiente", completa.

O financiamento foi concedido pelo Instituto Nacional de Pesquisa em Saúde (NIHR, na

sigla em inglês), que oferece verba para projetos de pesquisa que dizem ter "um claro benefício para os pacientes e para o público".

"Tudo o que financiamos deve ter um efeito real e útil para o NHS (sistema público de saúde do Reino Unido), e a pesquisa de Marietta foi um grande exemplo disso."

Marietta Stadler afirma, por sua vez, que a pesquisa é apenas o "primeiro passo". Segundo ela, após os cinco anos de financiamento, seria necessário um estudo maior antes de qualquer programa oficial de tratamento ser adotado pelo NHS.

"Como todo mundo, quem é diagnosticado com diabetes tipo 1 não tem apenas necessidades de saúde física, também tem necessidades de saúde mental", disse um porta-voz do governo.

A ONG Diabéticos com Transtornos Alimentares (DWED na sigla em inglês) estima que 40% das mulheres com diabetes tipo 1 admitem ter negligenciado a administração de insulina para perder peso.



Filtro

Compilações Selecionadas

ANUNCIE CONOSCO

Temos um espaço publicitário para divulgação de sua empresa, produtos ou serviços

Paulo Guedes quer encolher o Estado como nunca antes na história do país

Mais poderoso na Esplanada desde Zélia Cardoso de Mello, ministro planeja guinada liberal que depende de aprovação no Legislativo e já titubeia sobre aprovar reforma da Previdência



Um superministério da Economia começou nesta quarta-feira a tomar forma no Brasil. Sob o comando do economista ultraliberal Paulo Guedes, a pasta reúne agora as funções que até então eram desempenhadas por três ministérios diferentes: Fazenda, Planejamento e Indústria e Comércio Exterior. A proposta de fusão já constava no plano de campanha de Jair Bolsonaro (PSL) e dava pistas da tônica da equipe quando o assunto é o Estado: quanto menor, melhor. A junção revela ainda o tamanho do poder concedido pelo presidente eleito ao seu guru econômico, que terá a árdua tarefa de arrumar as contas públicas, reformar a Previdência, diminuir alta taxa de desemprego e colocar o país de volta na rota de um crescimento sustentável.

Diante de tamanha responsabilidade, Guedes preferiu, em seu primeiro discurso como ministro, refutar o título de "superministro" e ponderar que ninguém é capaz de consertar os problemas do país sozinho. "Os três Poderes deverão se envolver para isso, além da imprensa, que é o quarto poder e tem papel fundamental", disse.

Se há algo que Bolsonaro nunca negou, desde o início da sua campanha, foi o seu escasso conhecimento sobre economia. Por isso, não demorou muito a apelidar Guedes de seu "posto Ipiranga", o local onde ele poderia resolver qualquer pendência de ordem econômica. A carta branca dada ao economista - um ferrenho defensor da privatização de todas as empresas estatais - foi tão grande que até as indicações dos novos presidentes dos bancos públicos e da Petrobras, que geralmente escapam da decisão da equipe econômica, foram feitas por ele.

Na avaliação do economista Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central e estrategista da gestora Rio Bravo, não há precedentes de tamanho

poder, e de o presidente avaliar nomes como o de Joaquim Levy, ex-ministro da Fazenda de Dilma Rousseff, para o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), declarando que foi uma escolha de Guedes. "A experiência histórica mostra que nem sempre é fácil para o líder da economia nomear todos os cargos periféricos importantes no domínio da economia, mesmo para 'super ministros', como Zélia Cardoso de Mello, no governo de Fernando Collor, a única a trabalhar com ministérios econômicos unificados", explica Franco em um relatório da Rio Bravo.

Sob o guarda-chuva de Paulo Guedes estão secretarias, órgãos colegiados, fundações e bancos ligados anteriormente aos 3 ministérios. Serão responsabilidades do ministro órgãos como a Receita Federal, o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf), autarquias como o Banco Central e a CVM, empresas como o Banco do Brasil e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e fundações como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A turma do 'Chicago Oldies'

Para compor o superministério, Guedes montou uma turma de "Chicago Boys" brasileiros. Economistas, que assim como ele, passaram pela Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, templo do pensamento econômico liberal, e irão aplicar no Brasil as ideias que aprenderam na instituição sob o mantra de menos Estado, mais iniciativa privada. "Chicago Boys" foi o apelido dado aos jovens chilenos que estudaram na universidade americana, onde o homem-forte era Milton Friedman, e implantaram reformas liberais durante os anos 1970, em plena ditadura de Augusto Pinochet. Por aqui, o grupo Guedes foi apelidado de "Chicago

Oldies" por já passarem dos 60 anos - o próprio ministro usaria a expressão na posse nesta quarta. Roberto Castello Branco que irá presidir a Petrobras, Rubem Novaes, responsável pelo Banco do Brasil, e Levy, o novo presidente do BNDES, foram os primeiros egressos de Chicago e antigos conhecidos do novo ministro a serem escolhidos.

A pasta comandada por Guedes possui seis secretarias especiais, cada um com um secretário próprio para tocar áreas específicas: Fazenda, Desburocratização, Gestão e Governo Digital, Desestatização e Desinvestimento, Previdência e Trabalho, Receita Federal, Comércio Exterior e Assuntos Internacionais, Produtividade e Emprego e Competitividade. "As pessoas que estão nessas secretarias parecem ter posição de ministros, mas todos com uma diretriz única, o que é positivo. O novo ministro sempre foi um bom estrategista de bancos e gestoras, mas é uma incógnita saber se ele é um bom líder de uma equipe desse tamanho e como lidará com a política", afirma Alexandre Chaia, professor de economia do Insper.

O superministro, de 69 anos, de fato, tem apenas uma breve experiência na carreira política. Ele assessorou o então candidato à presidência Guilherme Afif Domingos, em 1989, sendo um crítico dos projetos econômicos do período, principalmente do Plano Real. O economista, nascido no Rio de Janeiro, construiu fortuna no ramo financeiro e foi um dos fundadores do Ibmecc, criado como instituto de pesquisa voltado para o mercado financeiro, do *think tank* Instituto Millennium e do Banco Pactual. Também investiu na Abril Educação com Roberto e Giancarlo Civita, donos da Editora Abril, até criar, em 2006, a BR Investimentos (comprada depois) pela Bozano Investimentos.

Continua...



Na avaliação de Chaia, não há dúvidas, no entanto, que o poder de decisões dado a Guedes foi recebido de forma bastante positiva pelo mercado e pelo empresariado, que aprovam as propostas defendidas pelo ministro. Os investidores começaram 2019 otimistas com o novo Governo. No primeiro pregão de 2019, o Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores, disparou e fechou o dia em alta de 3,5%, aos 91.012 pontos, um recorde de pontuação. A euforia também fez o dólar recuar 1,70%. A moeda norte-americana fechou cotado a 3,81 reais.

O professor ressalta, no entanto, que ainda é cedo para saber se a equipe vai conseguir tirar do papel a prometida guinada liberal. Apesar da coesão do time de Guedes e da autonomia dada a ele, há entraves no Congresso, na sociedade e no próprio Governo de Bolsonaro que podem atrapalhar os planos. As principais reformas a serem implementadas pela nova gestão continuam dependendo de forte negociação política e da aprovação dos parlamentares, sendo necessários bons interlocutores com trânsito no Congresso.

"É preciso saber também o quanto Bolsonaro vai ceder em determinadas decisões. Pelo que parece, ele deve apoiar menos a privatização generalizada e mais as questões da abertura da economia e de medidas para destravar os entraves burocráticos, para melhorar o ambiente de negócio do país. O que vemos hoje é que toda a equipe tem um norte, mais ainda não há um plano estruturado", explica o professor.

Principais promessas

Para diminuir o rombo das contas públicas estimado em mais de 139 bilhões de reais neste ano e reverter a trajetória de crescimento da dívida, que já chega a 77,3%, Guedes propõe três pilares: privatizações - um tema espinhoso na sociedade brasileira-, simplificação de tributos e a Previdência Social. Ele defen-

de, no entanto, que a principal e primeira reforma para solucionar o problema fiscal é a que modificará as regras da aposentadoria.

Na avaliação de Guedes, atualmente a Previdência é uma fábrica de desigualdades. "Quem legisla tem as maiores aposentadorias. Quem julga tem as maiores aposentadorias. O povo brasileiro, as menores", afirmou. O ministro é partidário de uma transição do atual sistema para um regime de capitalização ou cotizações individuais, um modelo similar ao adotado no Chile, país em que trabalhou como professor nos anos 80, durante a ditadura de Pinochet.

A reforma da Previdência de fato será o teste de fogo do Governo Bolsonaro com o Congresso. Embora tenha eleito 52 deputados pelo PSL, e conte com o apoio declarado da bancada dos ruralistas e evangélicos, na prática será necessário alinhar muitos interesses que afetam diretamente a população que não deve assistir calada às reformas estruturais.

Tudo indica, até o momento, que apesar de ter comprado a ideia da capitalização da Previdência, o presidente eleito estaria disposto a fatiar a reforma em vários projetos. Bolsonaro afirmou em entrevistas recentes, que deve começar com a discussão da idade mínima para aposentadoria. A ideia de dividir a mudança não é necessariamente ruim, na avaliação do economista-chefe do Itaú Unibanco, Mário Mesquita. "Se o governo tiver em mente a adoção de um regime de capitalização para os novos entrantes, fatiar talvez signifique fazer essa reforma atual [proposta pelo Governo de Michel Temer]", disse Mesquita em encontro com jornalistas em dezembro. O teor da reforma deve, no entanto, ser anunciado apenas em fevereiro, quando o Congresso volta das férias.

Plano B

Embora Guedes tenha feito um "pedido de ajuda" aos parlamentares para a aprovação

das mudanças na aposentaria, o novo ministro da Economia afirmou que, se as reformas não funcionarem, ele já possui um plano B para equilibrar as contas, mas o titubeio não foi bem recebido por economistas. Sua equipe poderia apresentar uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) para desindexar e desvincular as despesas obrigatórias no orçamento federal, um passo que deve gerar grito de setores preocupados com a possível corte em setores como saúde e educação. A proposta é deixar o orçamento federal menos rígido. "Se der errado, pode dar certo", brincou Guedes. "Se não aprovamos (a reforma da Previdência), temos que dar um passo mais profundo ainda".

Em seu primeiro discurso à frente do cargo, Guedes afirmou ainda que haverá nos primeiros 30 dias de governo uma série de medidas infraconstitucionais, e as reformas estruturantes serão enviadas após o novo Congresso Nacional tomar posse, no início de fevereiro. "Não adianta eu sair falando medida 1, medida 2, medida 3, tem uma enxurrada de medidas, não faltará notícia", afirmou. "Acho que vamos na direção da liberal democracia, vamos abrir a economia, simplificar impostos, privatizar, descentralizar recursos para Estados e municípios", disse.

A seu favor, a dobradinha Bolsonaro-Guedes deve contar com sinais mais favoráveis à retomada econômica. Com inflação e juros em patamares baixos e as famílias menos endividadas, entidades financeiras sugerem que o crescimento deve acelerar ao longo de 2019, com expectativa de uma alta de 2,53% do PIB. Apesar dos 12, 2 milhões de desempregados, a taxa de desemprego vem caindo ainda que lentamente. A dupla recebe de Michel Temer um país um pouco mais arrumado e assentado após a maior recessão das últimas décadas.

'Não aceito mentiras sobre mim', diz holandesa que denunciou João de Deus



A coreógrafa Zahira Lieneke Mous foi a primeira mulher a vir a público expor os assédios cometidos pelo médium brasileiro, que agora é alvo de centenas de denúncias

Zahira Lieneke Mous, em depoimento a Daniel Salgado - Revista Época

A holandesa Zahira Lieneke Mous, 34 anos, foi a primeira mulher a dizer publicamente ter sido abusada sexualmente por João de Deus. A coreógrafa fez sua denúncia pelas redes sociais no início deste ano e, no último dia 7, em entrevista ao programa “Conversa com Bial” e ao GLOBO. Depois de seu depoimento, mais de 400 mulheres denunciaram o médium ao Ministério Público. Após a repercussão do caso, a defesa João de Deus contestou a versão de Mous e colocou sua credibilidade em dúvida. “Era uma prostituta e tinha um passado de extorsão”, afirmou o advogado Alberto Toron.

Em depoimento a Época, Mous reage às “mentiras” contadas pela defesa de João de Deus e fala de sua vida, da depressão na juventude, do estupro que sofreu aos 19 anos e de como a dança e a espiritualidade a ajudaram a lidar com seus traumas. “Meu trabalho é sagrado para mim. É muito desgastante ter que demonstrar repetidamente que não fui eu quem praticou crimes”, afirmou.

“Nasci e cresci numa pequena vila no interior da Holanda. Aos 4 anos de idade, vi um espetáculo de ballet na televisão e então soube que queria ser dançarina. Minha conexão com a dança veio da alma e, por isso, ela passou a ser o

ponto principal da minha vida. Durante a adolescência, porém, me deparei com sérios problemas causados por uma grave depressão e distúrbios alimentares. Fui estuprada aos 19 anos e o sofrimento se intensificou muito. Ainda assim, entendi que fazer o bem aos outros seria a melhor forma de lidar com meus traumas. E o busquei fazer através de dois pilares: a dança e a espiritualidade. Novas culturas e línguas também sempre me fascinaram, e assim senti a necessidade de morar fora da Holanda.

Aos 19 anos organizei meu primeiro projeto social, em um centro de refugiados no meu país. Dei aulas de dança e teatro como uma maneira para que as crianças pudessem aliviar sua bagagem e dores emocionais. A vivência me fez entender que o caminho da dança abria espaços para o crescimento e liberdade da alma. Por isso, me dediquei ainda mais em aprender e difundir meu conhecimento por

vários países.

Enquanto cursava minha graduação de educação em teatro fiz um projeto social no Brasil. Baseado em teatro e dança com crianças carentes, ele ocorreu em Minas Gerais e teve duração de seis semanas. Foi nesse momento em que aprendi o português. Também trabalhei com crianças carentes nos Estados Unidos, mais especificamente no Alvin Ailey American Dance Theater, na cidade de Nova York.

Depois de terminar meu mestrado em Belas Artes e ênfase em dança e uma pós-graduação em estudos femininos e de gênero, trabalhei por dois anos na Universidade de Oklahoma, nos Estados Unidos. Lá participei do Changing Lives Through Dance (CLTD) — transformando vidas através da dança —, onde fiz voluntariado. Também colaborei com duas ONGs na realização de projetos sociais na Índia, a Free a Girl (da Holanda) e a Rescue

Foundation. Além disso, utilizei a dança como ferramenta de reabilitação de meninas e mulheres resgatadas do tráfico de pessoas e da escravidão sexual. Ela era meu método de reivindicação e apropriação do próprio corpo, um processo de cura. Também viajei pelo Brasil em duas ocasiões, 2012 e 2014, onde montei diversas apresentações comunitárias em parceria com o Instituto Terra, do fotógrafo Sebastião Salgado.



Zahira dando aula de dança no CLTD, em 2012 Foto: Arquivo pessoal

Continua...



Área externa da Casa Dom Inácio de Loyola, em Abadiânia; e o médium João de Deus (Fotos: Site oficial Casa Dom Inácio de Loyola)

Além da dança, encontrei na espiritualidade um significado mais profundo para a vida. Ao longo dos anos passei pelo budismo, a meditação e o espiritismo, que me levou a conhecer a Casa Dom Inácio de Loyola, em 2014. Lá, senti muita luz e vibrações profundas. Contudo, o abuso que sofri por João de Deus obscureceu minha experiência em Abadiânia. Ao sair de lá, tinha decidido me esquecer do que havia passado.

Isso até abril de 2018, quando estava em Mumbai, na Índia. Em uma livraria local, encontrei o livro “Brave”, escrito pela atriz Rose McGowan. Essa leitura me fez compreender que a raiva e o trauma gerados através de minha experiência não sumiriam com o silêncio. Por isso, decidi confiar em uma amiga que conheci em Abadiânia e falei sobre o acontecido. Foi doloroso e libertador.

Depois disso resolvi contar o acontecido também a minha esposa, que então passou a fazer pesquisas sobre João de Deus. Ela encontrou um blog de outra vítima, e nele vimos diversos comentá-

rios de outras pessoas que estiveram na mesma situação que eu. Ali entendi que eu não era a única mulher que foi abusada pelo médium João.

Zahira dando aula de dança no CLTD, em 2012 Foto: Arquivo Pessoal Zahira dando aula de dança no CLTD, em 2012 Foto: Arquivo Pessoal.

Me dei conta de que não podia mais ser silenciada. Eu precisava falar publicamente sobre o assunto para ajudar outras vítimas dele. Escrevi uma postagem no Facebook relatando o terror que vivenciei, e ela se espalhou. Fui convidada a participar do programa Conversa com o Bial para dar voz a essas histórias, esperando que outras mulheres também fossem a público fazer o mesmo. Acabei sendo a primeira mulher a mostrar meu rosto publicamente e fazer denúncias a um homem muito poderoso e, até então, de reputação pública intocada.

Eu sabia que poderia haver um movimento de culpabilização das vítimas, inclusive ou especialmente eu. Ainda assim, tive a força de seguir adi-

ante. A verdade tem de ser dita. Naquele momento, minha coragem era maior do que meu medo.

Também faço questão de expor alguns dos trabalhos que fiz até aqui para distinguir com clareza o que de fato foi parte da minha vida até aqui e o que foi inventado sobre mim por João Teixeira de Faria, vulgo João de Deus. Atualmente eu administro uma companhia de dança em Amsterdã e faço obras que abordam temas como tabus sociais e identidade, sexualidade e feminilidade. Já tive trabalhos exibidos nos EUA, Holanda, Brasil, Índia e Grécia. Sou membro do Conselho Internacional de Dança da UNESCO, falo quatro idiomas e vivo na Holanda com minha esposa, que é brasileira.

Meu trabalho é sagrado para mim. É muito desgastante ter que demonstrar repetidamente que não fui eu que praticou crimes. Não aceito mentiras sobre mim. Eu continuo trabalhando e seguindo a trajetória de cura através da dança e oficinas de meditação, ajudando muitas mulheres.”



Filtro

Compilações Seleccionadas

ANUNCIE CONOSCO

Temos um espaço publicitário para divulgação de sua empresa, produtos ou serviços

Reação lenta do papa Francisco em relação a abusos ameaça seu legado



Papa Francisco durante o discurso de Natal no Vaticano

Nicole Winfield da AP

Foi um ano infeliz para o papa Francisco, cuja atitude lenta em relação ao abuso sexual de clérigos conspirou com eventos além de seu controle que ameaçam seu legado e lançam a hierarquia católica em uma crise de credibilidade jamais vista nos tempos modernos.

O mais recente acontecimento -- em um país distante -- cimenta a impressão de que Francisco simplesmente não "entendeu" quando se tornou papa em 2013 e começou a liderar a igreja.

Os primeiros erros incluíram a associação com cardeais e bispos comprometidos e ter subestimado ou rejeitado rumores de abuso e encobrimento. Francisco finalmente tomou uma atitude em 2018, quando admitiu publicamente que estava errado sobre um caso no Chile, fez reparos e lançou as bases para o futuro convocando uma cúpula de prevenção ao abuso no ano que vem.

Mas danos à sua autoridade moral sobre o assunto foram feitos. Antes que seus olhos se abrissem, Francisco mostrou que ele era um produto da cultura muito clerical que ele sempre denuncia, sempre pronto a aceitar a palavra do clérigo sobre as vítimas.

O ano começou bem: Francisco dedicou sua mensagem anual de paz em 1º de janeiro ao sofrimento dos migrantes e refugiados. Logo depois, ele batizou 34 bebês na Capela Sistina e encorajou suas mães a amamentar,

uma típica demonstração franciscana de praticidade informal em meio ao esplendor do "Julgamento Final" de Michelangelo.

Então veio o Chile

A visita de Francisco em janeiro foi dominada pelo escândalo de abusos clericais por lá, e contou com protestos sem precedentes contra uma visita papal: igrejas foram atacadas com bombas incendiárias e a tropa de choque usou canhões de água para reprimir manifestações.

A oposição chilena a Francisco havia começado três anos antes, quando o papa argentino nomeou Juan Barros como bispo da diocese de Osorno. Francisco havia descartado as alegações de que Barros ignorou e encobriu os abusos cometidos pelo padre predador mais proeminente do Chile, impondo-lhe uma diocese que não queria ter nada a ver com ele.

"No dia em que me trouxerem provas contra o bispo Barros, falarei", disse Francisco em seu último dia no Chile. "Não há um único tipo de prova contra ele. É tudo calúnia. Está claro?"

Francisco defendeu Barros porque um de seus amigos e conselheiros, o cardeal chileno Javier Errazuriz, defendeu Barros. Francisco, em 2013, nomeou Errazuriz para seu círculo íntimo, um gabinete formal paralelo de nove cardeais que se reúne a cada três meses no Vaticano.

As vítimas chilenas, no entanto, há muito

acusavam Errazuriz de se fazer de surdo às suas reivindicações enquanto ele era arcebispo de Santiago, dando cobertura aos abusadores e seus facilitadores. Francisco desconsiderou as preocupações das vítimas e nomeou Errazuriz para o alto gabinete.

Na esteira de sua viagem desastrosa ao Chile, Francisco lentamente se aproximou das vítimas, em parte em resposta a reportagens da Associated Press. Ele ordenou uma investigação profunda na igreja chilena, admitiu "graves erros de julgamento" e pediu desculpas pessoalmente às vítimas que havia desacreditado. Ele acusou a liderança chilena de criar uma "cultura de acobertamento" e garantiu a renúncia de todos os bispos ativos ali, incluindo Barros. Ele prometeu que a Igreja Católica "nunca mais" esconderá abusos, e, no início deste mês, o Vaticano anunciou que Francisco havia demitido Errazuriz do gabinete.

Também foi removido o cardeal George Pell, que deixou o cargo de ministro da Economia do Vaticano em junho de 2017 para ser julgado por crimes históricos de abuso sexual em sua Austrália natal. Como Errazuriz, Pell tem sido alvo da ira das vítimas de abuso há anos, bem antes de Francisco levá-lo ao Vaticano, dado seu papel proeminente na Austrália e o horrível histórico da Igreja Católica com abusos por lá.

Continua...

Ambos os homens negam terem feito algo de errado. Mas sua presença constante no Conselho dos Nove, como o gabinete é chamado, tornou-se uma fonte de escândalo para o papa, que se despediu deles em outubro com uma carta agradecendo-lhes pelo serviço prestado. Para Pell, a remoção do C9 sugere que ele não vai retomar o trabalho no Vaticano já que seu mandato de cinco anos expira no início do ano que vem.

Eles não são os únicos cardeais na berlinda: o atual arcebispo de Santiago está sob investigação em uma ampla investigação criminal sobre o encobrimento de abusos sexuais. Os promotores de uma dúzia de estados dos EUA estão investigando arquivos da igreja. Um julgamento de acobertamento na França tem dois cardeais como réus, incluindo o espanhol que dirige o escritório do Vaticano que processa casos de abuso sexual. A Santa Sé invocou imunidade soberana para poupar o cardeal da Espanha, Luis Ladaria Ferrer. Mas não tem tal poder para proteger o cardeal Philippe Barbarin, arcebispo de Lyon, na França, acusado de não denunciar às autoridades um padre abusivo confesso. Francisco disse que a Justiça francesa deveria seguir seu curso, mas elogiou Barbarin como "corajoso".

Apesar de tais problemas, com o escândalo do Chile em grande parte redimido e as decisões tomadas para purgar seu círculo íntimo de membros comprometidos, Francisco pareceu no meio do ano estar bem encaminhado para sair da crise dos abusos sexuais de 2018.

Em seguida, o segundo round começou.

Em julho, Francisco retirou do arcebispo dos EUA, Theodore McCarrick, o título de cardeal, depois que investigadores da igreja disseram que a alegação de que ele apalpou um coroinha adolescente na década de 1970 era crível. Posteriormente, vários ex-seminaristas e padres relataram que eles também haviam sido abusados ou assediados por McCarrick como adultos.

Um mês depois, um relatório do grande júri na Pensilvânia revelou sete décadas de abuso e acobertamento em seis dioceses, com alegações de que mais de mil crianças foram molestadas por cerca de 300 padres. A maioria dos padres já havia morrido e os crimes eram muito anteriores ao papado de Francisco.

Mas o escândalo combinado criou uma crise de confiança na hierarquia dos EUA e do Vaticano. Aparentemente, era de conhecimento comum nos Estados Unidos e na liderança



A presidente do Chile, Michelle Bachelet, recebe o papa Francisco

do Vaticano que o "Tio Ted", como McCarrick era conhecido, dormia com seminaristas, e mesmo assim ele ainda se mantinha impassível nas fileiras da igreja.

Tendo removido McCarrick e aprovado um processo canônico contra ele, Francisco deveria ter surgido como o herói da saga já que ele corrigiu o erro de São João Paulo II, o papa de 1978-2005 que havia promovido McCarrick e cuja atuação nas questões de abuso são muito piores do que as de Francisco, devido à sua inação.

Mas a maré positiva de Francisco foi interrompida quando um ex-embaixador do Vaticano nos Estados Unidos acusou o próprio papa de participar do encobrimento de McCarrick.

Em uma denúncia de 11 páginas em agosto, o arcebispo Carlo Maria Vigano afirmou que as autoridades do Vaticano ao longo de três pontificados sabiam sobre a propensão de McCarrick para seminaristas, e fez vista grossa.

Vigano escreveu que ele havia dito a Francisco, em 2013, no início de seu pontificado, que McCarrick havia "corrompido uma geração" de seminaristas e padres e que o papa Bento 16 acabara sancionando-o por sua má conduta sexual.

Vigano alegou que Francisco desconside-

rou seu alerta de 2013 e reabilitou McCarrick dessas sanções, fazendo dele um conselheiro-chave e confiando-lhe missões delicadas para a China e outros lugares.

O Vaticano não ajudou Francisco a se defender quando, sem fornecer qualquer razão plausível, impediu que os bispos dos EUA adotassem medidas de responsabilidade para tentar restaurar a confiança em seus rebanhos.

Agora parece claro que Francisco, pelo menos no início de seu pontificado, estava disposto a ignorar o mau comportamento sexual do passado ou acobertar as reivindicações se os responsáveis tivessem se redimido. Francisco lançou seu pontificado com seu famoso comentário "Quem sou eu para julgar", sobre um padre gay que ele havia designado para uma posição de alto assessor apesar das alegações de que ele havia tido uma série de amantes.

Esse comentário, que lhe rendeu aplausos de católicos liberais e o colocou na capa da revista Advocate, pode agora ser sua ruína. Se ele tivesse julgado seus conselheiros mais escrupulosamente no início de seu pontificado em seus registros de abuso e encobrimento, Francisco poderia ter retido mais credibilidade em 2018.

Camisas
manga longa



Confira

Quênia: olho por olho, dente por dente

Por Maurício Oliveira
Aventura na História

O conflito étnico criou um cenário sombrio para o país justamente quando registrava a maior taxa de crescimento em 30 anos

Há 11 anos, a crise no Quênia ganhou destaque imediato na mídia brasileira por ter estourado justamente na véspera da corrida de São Silvestre, quando vários atletas quenianos estavam em São Paulo para disputar a tradicional prova de rua (e vencê-la, tanto no masculino, com Robert Cheruiyot, quanto no feminino, com Alice Timbilili). A primeira noite de distúrbios, entre 30 e 31 de dezembro de 2007, resultou em mais de 100 mortes. O estopim foi a divulgação dos resultados da eleição presidencial ocorrida em 27 de dezembro. Na virada de 2018 para 2019, a situação política continua instável, com o líder da oposição, Raila Odinga, questionando as eleições de 2017, que deram a reeleição a Uhuru Muigai Kenyatta.

Em 2007, partidários do candidato derrotado, Raila Odinga, do Movimento Democrático Laranja (OMD), não aceitaram a reeleição do presidente Mwai Kibaki, do Partido da União Nacional (PNU), para um novo mandato de cinco anos. A margem ligeiramente superior a 200 mil votos foi contestada, principalmente porque Odinga liderava as pesquisas de opinião e, em certo momento da apuração, chegou a ter uma vantagem de cerca de 300 mil votos.

A violência da primeira noite de confrontos deu início a uma sucessão de revides. Dois meses depois, o “olho por olho, dente por dente” já havia resultado em mais de mil mortes. Alguns episódios especialmente bárbaros chamaram a atenção da comunidade internacional, como o massacre de 19 pessoas a machadadas em Mombasa, segunda maior cidade do país – atrás apenas da capital, Nairóbi –, e a morte na cidade de Eldoret de 30 pessoas queimadas vivas dentro de uma igreja.

Em meados de janeiro, um herói nacional, o maratonista Wesley Nge-tich, 34 anos e três filhos, não resistiu ao ferimento causado por uma flecha envenenada que lhe atingiu o peito. Multiplicaram-se também os casos de abuso sexual contra mulheres. Pelo menos 300 mil famílias ligadas a um ou outro grupo tiveram

de deixar os locais em que viviam para escapar da perseguição de seus rivais.

Conflito tribal

Uma crise como essa sempre tem raízes mais profundas do que o episódio deflagrador. Por trás da disputa política, há um conflito tribal. O presidente Kibaki pertence à etnia dos quicuios, a mais numerosa do Quênia, que corresponde a 22% dos 37 milhões de habitantes do país. Com melhores índices de educação e maior poder aquisitivo, os quicuios ocupam cargos públicos e posições importantes na sociedade em proporção bem maior do que sua representatividade na população.

Dos 41 grupos étnicos existentes no país, apenas dois – as tribos Meru e Embu – são aliados dos quicuios. A coalizão foi apelidada pelos adversários de “Máfia do Monte Quênia”, referência à montanha em torno da qual se originam as três tribos. O presidente é acusa-

do de favorecê-las abertamente. Seu adversário é um rico empresário oriundo da tribo dos luos, etnia que corresponde a 13% da população. Quicuios e luos têm línguas próprias, embora o idioma oficial do país seja o suaíli, mistura de árabe e banto.

Os quicuios estão no poder desde que o Quênia se tornou independente da Grã-Bretanha, em 1963. O primeiro partido político a representar a tribo, a União Africana Nacional do Quênia (Kanuu), durante muitos anos foi único no país. Um outro partido chegou a ser fundado em 1966, o Kenya People's Union (KPU), mas foi dissolvido depois que seus integrantes foram acusados de envolvimento no assassinato de um líder do Kanuu, Tom Mboya.

A vocação do Quênia para ser controlado por ditadores manifestou-se desde o primeiro presidente, Jomo Kenyatta, que permaneceu no poder por 15 anos, até a morte, em 1978. Foi substituído pelo vice, Daniel Arap Moi, que conseguiu mudar a Constituição para permitir reeleições ilimitadas, o que de fato ocorreu nas quatro eleições seguintes.

Tentativas de romper o círculo vicioso eram duramente combatidas. No início dos anos 90, Moi foi acusado por observadores internacionais de violar direitos humanos ao reprimir manifestações que resultaram em dezenas de mortes. No final da mesma década, o Fundo Monetário Internacional (FMI) interrompeu a ajuda econômica ao país por considerar o governo incapaz de evitar a corrupção e o desvio de verbas. A pressão internacional levou Moi a restabelecer o pluripartidarismo e abrir mão de concorrer à reeleição em 2002. Mwai Kibaki foi eleito com 62% dos votos. Sua gestão começou bem. Ao criar leis contra a corrupção e afastar juízes envolvidos em escândalos, ele reconquistou a confiança do FMI no final de 2003. Mas não escapou da tentação de permanecer no poder, como seus antecessores. Em 2005, ao tentar mudar a Constituição para concentrar mais poderes, o presidente encontrou resistência até entre aliados, o que o levou a demitir vários ministros.



Raila Odinga Wikimedia Commons

Continua...

No início de 2006, um grande escândalo de corrupção no governo causou nova suspensão da ajuda financeira internacional. Alguns observadores estrangeiros que acompanharam a mais recente eleição registraram indícios de irregularidades, a maioria relacionada à precariedade do sistema de votação e à demora na contagem dos votos. Além disso, o risco de manipulação dos eleitores é naturalmente alto em um país com 74% de analfabetismo.

Não se poderia assegurar, em função de tudo isso, que o resultado de uma recontagem ou de uma eventual nova eleição seriam aceitos pelo lado perdedor, já que o precedente teria sido aberto. O único caminho possível parece ser o da conciliação, com o estabelecimento de um governo conjunto. A hipótese ganhou força com os insistentes pedidos internacionais para que o conflito chegasse ao fim e intervenções como a do ex-secretário-geral da ONU, Kofi Annan, que viajou ao Quênia para intermediar a negociação.

Annan mostrou-se pouco otimista, estimando que seja necessário pelo menos um ano para que as coisas voltem ao prumo. Ainda que seja difícil imaginar que as duas correntes superem a rivalidade e esqueçam as mágoas para governar o país lado a lado, a disposição em fechar um acordo foi manifestada por ambas as partes. O mais difícil ainda está por vir, contudo: definir o papel que cada grupo terá no governo.



A economia do Quênia foi atingida de diversas formas pelos conflitos, com prejuízos estimados em 500 milhões de dólares nos dois primeiros meses. As multinacionais instaladas no país retiraram seus funcionários e o bloqueio de estradas e ferrovias tornou caótico um sistema logístico que já não era dos melhores. O pior de tudo, entretanto, pode ser a debandada dos turistas – o Quênia havia se tornado um destino bastante procurado em função das belas praias no Oceano Índico e dos safáris que permitem aos visitantes acompanhar espetáculos de natureza selvagem, como a migração de zebras e gnus.

No início de fevereiro, autoridades apelaram a turistas estrangeiros que não cancelassem seus planos de visitar o país, alegando que a violência estava controlada e limitada a pequenas áreas. O ministro da Informação, Samuel Poghishio, disse à Agência Reuters que a imprensa internacional exagerava na cobertura dos fatos e que o mundo estava vendo a crise no Quênia com lentes de aumento.

Laços sentimentais

O desenrolar da crise no Quênia interessa de forma especial ao pré-candidato democrata da época, ao governo dos Estados Unidos Barack Obama – não por razões de política internacional, mas por uma questão muito pessoal. Ele tem vários parentes na região de Kogelo, onde seu pai nasceu e a avó, Sarah Obama, 83 anos, vive até hoje, na mesma casa que pertence à família há décadas.

Obama visitou-a em duas ocasiões, em 1987 e 1992. Sua família paterna é da etnia luo, a mesma do líder de oposição, Raila Odinga. Barack foi batizado com o mesmo nome do pai, que conheceu Ann Dunham, típica representante das famílias brancas de classe média dos Estados Unidos, quando ambos estudaram na Universidade de Manoa, no Havaí, no final dos anos 50. O casal separou-se quando Barack tinha dois anos. O pai decidiu voltar ao Quênia, onde morreu em um acidente de carro, em 1982. Ann, mãe de Barack, morreu em 1995, vítima de câncer no ovário.

Triste ironia

O mais irônico é que as coisas estavam indo bem para o país, ao menos em comparação com a maior parte dos vizinhos africanos. A taxa de crescimento econômico chegou a 6% em 2006, maior índice dos últimos 30 anos, graças à exportação de produtos como café, chá e cana-de-açúcar e ao crescimento do turismo. Do ponto de vista político, o país parecia estar se afastando de turbulências, ao contrário dos vizinhos Congo, Somália e Sudão.

A imprensa atuava com relativa liberdade e 2 548 candidatos puderam concorrer às eleições para o Parlamento, composto por 224 membros (a casa acumula as funções que a Câmara dos Deputados e o Senado têm no Brasil). Kibaki baseou sua campanha nos bons resultados econômicos alcançados durante seu governo, enquanto Odinga bateu na tecla de que era preciso pôr fim ao favorecimento dos quicuios para que os frutos do crescimento fossem mais bem distribuídos entre as diversas tribos do país.



QUER MORAR, EMPREENDER OU ESTUDAR EM PORTUGAL? PROCURE-NOS!

ATENDIMENTO EM LISBOA E NO PORTO

- Abertura de Conta Bancária
- Abertura de empresas
- Apoio na selecção de Escola e matrícula
- Apostilhamento de Documentos
- Assessoria na obtenção de Visto de Residência em Portugal
- Autenticação de documentos e reconhecimento de assinaturas
- Contrato água, luz, gás e internet
- Elaboração de Estratégia Migratória
- Inscrição na Segurança Social
- Nacionalidade
- Obtenção de documentação junto de entidades publicas
- Obtenção de NIF (Número de Identificação Fiscal)
- Processo de inscrição em ordens profissionais
- Processo de matrícula em Faculdade (curso superior ou mestrado)
- Processos de equivalência de estudos
- Prorrogação da Autorização de Residência
- Prorrogação do Visto
- Reagrupamento familiar
- Representação em reuniões do condomínio
- Representação perante diversos organismos estatais e privados
- Serviços de tradução

Somente WhatsApp



27 99996-8666

Geraldo Ribeiro

geraldoribeirocj@gmail.com

Tel.: Portugal
00 351 963 798 888

Luciano Hang, o mais engajado empresário bolsonarista, casa marketing e militância



Dono da rede varejista Havan se aproximou de apresentadores, jogadores e dirigentes pró-Bolsonaro patrocinando seus times, eventos e programas televisivos

BREILLER PIRES – EL PAIS

Os craques Ronaldinho Gaúcho e Falcão, o Club Atlético Paranaense e os apresentadores de televisão Ratinho, Celso Portioli e Danilo Gentili possuem outro traço em comum além de terem apoiado publicamente Jair Bolsonaro. Todos eles recebem patrocínios ou já posaram como garotos-propaganda da Havan, rede de lojas do catarinense Luciano Hang, empresário que mais militou a favor do ex-capitão do Exército durante a campanha presidencial. Com faturamento estimado em 5 bilhões de reais por ano, a empresa se tornou uma impulsora do bolsonarismo pelo país atrelando sua imagem a celebridades de orientação ideológica semelhante à de seu líder.

Pouco conhecido e de perfil discreto até então, Luciano Hang começou a apostar em ações de publicidade no fim de 2016. A campanha “De quem é a Havan?” estrelada por ele era a forma que encontrou para combater os boatos de que as lojas distinguidas pela arquitetura inspirada na Casa Branca e réplicas da Estátua da Liberdade em sua fachada pertenciam aos filhos dos ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff. “A associação com políticos começou a afetar a imagem do meu negócio”, diz Hang, que, sem esconder seu antipetismo, sempre foi admirador dos Estados Unidos e do capitalismo. “Acredite nos empresários. Deixa a gente trabalhar”, costuma pregar ao defender o enxugamento do Estado em suas aparições públicas.

A partir da campanha, dois anos atrás, o dono virou a cara da empresa e turbinou as investidas

de marketing. Para isso, contou com parceiros de longa data. Desde 2013, quando iniciou a expansão de lojas para além da região Sul, passou a ser anunciante assíduo do programa SuperPop, da RedeTV!, apresentado por Luciana Gimenez. Naquela época, a atração já servia de escada para a popularidade de Jair Bolsonaro, ainda como deputado federal, habitué dos debates sobre família, homossexualidade e machismo instados pela apresentadora. Mas o grande salto da Havan no mercado de publicidade em televisão toma impulso pelas mãos de dois líderes de programas de auditório com raízes no Paraná, estado que abriga mais lojas da marca depois de Santa Catarina.

Carlos Roberto Massa, o Ratinho, puxou a fila dos embaixadores notáveis da Havan. Começou anunciando produtos em seu programa, que foi palco da maior exposição midiática experimentada por Luciano Hang até então. Uma entrevista de 12 minutos, ao vivo e em rede nacional, onde ele aparecia desmentindo boatos sobre a empresa e detalhando seu projeto de crescimento. Ratinho logo conseguiu patrocínio fixo da rede varejista para um quadro da atração que comanda há mais de 20 anos no SBT. Entre viagens para inauguração de novas lojas pelo Brasil, apresentador e empresário descobriram afinidades políticas, que, pouco antes de se conhecerem, seriam improváveis.

Ratinho era amigo de Lula. T tamanha proximidade acabou lhe rendendo contratemplos. Em 2005, teve seu nome envolvido no escândalo do mensalão, suspeito de receber 2 milhões de reais retirados de contas do empresário Marcos

Valério como pagamento por uma entrevista realizada com o então presidente no ano anterior. Ele negou a acusação e, por falta de provas, não chegou a ser indiciado no processo. Em 2012, Lula, já retirado da Presidência, voltou a ser entrevistado em seu programa. O Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo multou o apresentador e o PT por propaganda eleitoral antecipada, já que Lula levava a tiracolo na atração seu candidato à Prefeitura, Fernando Haddad, em notório esforço para torná-lo mais conhecido. Dizendo-se responsável pelo convite, Ratinho se dispôs a pagar integralmente a multa de 15.000 reais.

A relação entre Lula e Ratinho começaria a azedar no mesmo ano. O apresentador havia negociado nos bastidores para que o ex-presidente se mantivesse neutro na eleição a prefeito de Curitiba, que tinha seu filho, Ratinho Junior, como um dos candidatos. Lula cumpriu o acordo com o amigo, mas o PT decidiu apoiar Gustavo Fruet (PDT), que venceu o pleito no segundo turno. Depois disso, Ratinho, que nunca foi simpático ao partido apesar da amizade com seu principal fundador, se converteu em antipetista de carteirinha, afastando-se de Lula. Seu filho seguiu na política. Em outubro, foi eleito governador do Paraná no primeiro turno pelo PSD – Luciano Hang doou 100.000 reais para sua campanha. Pai e filho apoiaram Bolsonaro no Estado.

Continua...

Outro ávido parceiro do dono da Havan no SBT é o maringense Celso Portioli, apresentador do Domingo Legal. Em 2014, ele já era contratado da empresa para aparição promocional em lojas, mas os laços com Hang se estreitaram três anos depois. A Havan patrocina um quiz de 45 minutos em seu programa, que já está na terceira temporada. Portioli se assume tão patriota a ponto de chorar com a execução do hino nacional. No dia da eleição, o quadro patrocinado na TV exibiu funcionários da Havan vestidos com a camisa verde-amarela idealizada pelo proprietário da empresa, em alusão implícita à campanha de Bolsonaro: “O Brasil que queremos só depende de nós”. Após a vitória do candidato do PSL, Portioli defendeu os slogans que remetiam ao período da ditadura militar lançados pelo SBT, incluindo o “Brasil, ame-o ou deixe-o”, postando em redes sociais uma provocação a telespectadores que criticaram as peças: “Brasil, ou você ama ou a Venezuela é logo ali” – antes, Luciano Hang havia prometido pagar passagens de ida à Venezuela para militantes de esquerda em um de seus vídeos publicados na internet.

No início de dezembro, Ratinho e Portioli, vestidos com a tradicional pilcha gaúcha, estiveram ao lado de Hang na inauguração da primeira loja da Havan no Rio Grande do Sul. Ambos aplaudiram o discurso inflamado do empresário, que reivindicava “mais liberdade para poder trabalhar sábado, domingo e feriados” e “menos interferências de sindicatos” para abrir mais empreendimentos.

Sbtistas e havanistas

“Somos bons soldados da Havan. O Celso é o sargento”, explica Ratinho sobre a dedicação dos comunicadores em promover a empresa catarinense. Portioli vai além. “Sou sbtista, mas também havanista”. Ele não hesita, inclusive, em comparar Luciano Hang a Silvio Santos. “Só vi dois na vida. São homens de uma energia incrível, humildes e simples”, diz. Foi ele quem mediou um encontro entre os magnatas. Em maio, Hang esteve nos estúdios do SBT, onde ele investiu cerca de 50 milhões de reais em publicidade em 2018, e foi apresentado a Silvio Santos, que o convidou juntamente com os três filhos para fazer uma ponta em seu programa. Durante a participação, que durou quase seis minutos, o apresentador se mostrou impressionado com o tamanho das lojas do empresário, mas o rebateu após ele dizer “acreditar no Brasil” para justificar investimentos. “Isso é um pouco demagogo”, provocou Silvio Santos.

Em um mercado cada vez mais escasso de anunciantes, a bajulação a Hang tem ganhado novos espaços na emissora. Em dezembro, ele foi o convidado especial do quadro “Pra quem você tira o chapéu”, no *Programa Raul Gil*. Enquanto o empresário aproveitava o palco para atacar Lula, universidades federais, jornalistas e governos de esquerda na América Latina, o apresentador o exaltava como



“um grande apoiador da propaganda na TV”. Três dias depois foi ao ar uma entrevista de Hang a Danilo Gentili, humorista que, assim como Bolsonaro, já foi processado pela deputada Maria do Rosário (PT) por ofensas machistas e apresenta o programa *The Noite*. Menos de uma semana após participar do “Pra quem você tira o chapéu”, com o colega Raul Gil, em que também criticou a imprensa, “professores esquerdistas” nas universidades e governos socialistas, Gentili fechou contrato para 20 inserções comerciais da Havan durante o ano. Na primeira, em ação com ovos de Páscoa, o apresentador convocou seus fãs a comprar na loja. “A Havan merece todo o nosso dinheiro”, afirmou durante o merchan.

patrocínio para seu reality show *O Aprendiz*, que a partir do ano que vem será exibido pela Band. Saiu com a promessa de uma cota bancada pela rede de lojas. Nas vésperas do segundo turno, Justus anunciou apoio a Bolsonaro alegando que “o PT já demonstrou sua incapacidade de dar uma vida melhor aos brasileiros”. Assim como Hang, o apresentador é signatário do manifesto liderado por Flávio Rocha, presidente da Riachuelo, em que um grupo de empresários defende o livre mercado e se compromete a tomar as rédeas da política.

Para Luciano Hang, o SBT tem programas

“voltados para a família brasileira”. Ele diz que a identificação entre anunciante e investidor é fundamental na hora de fechar acordos comerciais. “Buscamos agregar pessoas com as quais nos identificamos e são capazes de interagir com a população.” De acordo com o departamento de marketing da Havan, a estratégia publicitária da empresa não leva em conta critérios ideológicos nem condiciona patrocínios a posicionamentos políticos de personalidades e veículos de comunicação. Embora Hang seja crítico da Globo, a ponto de desqualificar contratados da emissora como a apresentadora Fernanda Lima, sua empresa já anunciou no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, e também em intervalos comerciais no horário nobre. Em setembro, telespectadores da Globo foram surpreendidos com uma campanha da Havan protagonizada por artistas do SBT, a exemplo de Ratinho, Celso Portioli, Danilo Gentili e Eliana. Também já posaram como garotos-propaganda da empresa o youtuber Whindersson Nunes e a apresentadora Sabrina Sato, da Record. Ela é casada com o ator Duda Nagle, que engrossou manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff na avenida Paulista. Em dezembro, Luciano Hang gravou entrevista com a mãe de Duda, a jornalista Leda Nagle.

Continua...

Há um ritual predeterminado para cada celebridade contratada pela Havan. Os famosos são recepcionados pelo helicóptero da empresa no aeroporto internacional de Navegantes, de onde se deslocam até a sede em Brusque. Ao chegar, fazem um tour pela megaloja, tocam um sino reservado a visitantes ilustres e posam para fotos com funcionários. Dos encontros com Luciano Hang, geralmente saem com contratos de publicidade encaminhados, que costumam envolver a realização de entrevistas com o proprietário. Quando entrevistado por Luciana Gimenez, Ratinho, Danilo Gentili, Raul Gil e Silvio Santos, o empresário foi poupado de responder ou se estender sobre temas espinhosos, como o suposto disparo de mensagens contra o PT no Whatsapp, impulsionamento ilegal de conteúdos favoráveis a Bolsonaro no Facebook ou a condenação na Justiça catarinense por evasão de divisas.

Esportistas bolsonaristas bem cotados com a Havan

Este ano, Falcão, um dos maiores jogadores de futsal de todos os tempos, se tornou garoto-propaganda da Havan. Ele gravou ações promocionais para a Copa do Mundo, Dia das Crianças e o 32º aniversário da empresa. Durante as eleições, causou polêmica ao criticar o movimento #EleNão e gritou “Bolsonaro presidente” em sua despedida da seleção brasileira, no mesmo dia do segundo turno. Em novembro, o agora ex-jogador visitou o presidente eleito no Rio de Janeiro. “Fiquei confiante de sentir olho no olho a única vontade dele, que é melhorar nosso país”, comentou sobre o encontro em seu perfil no Instagram.

Mas o apoio ao político de extrema direita que mais repercutiu no círculo do esporte foi o do pentacampeão Ronaldinho Gaúcho, que, em 2014, endossara a candidatura de Aécio Neves (PSDB). O ex-craque do Barcelona postou imagem com uma camisa da seleção e o número 17, revelando seu voto “por um Brasil melhor, desejo paz, segurança e alguém que nos devolva a alegria”. A manifestação pelas redes sociais aconteceu na véspera do primeiro turno, dois dias após seu irmão e representante, Assis Moreira, confirmar sua participação no Jogo das Estrelas, em Santa Catarina, patrocinado pela Havan.

José Pereira, organizador do evento realizado no último dia 13 de dezembro, conta que esteve em um hotel em São Paulo para fechar a presença de Ronaldinho, mas que a Havan só decidiu patrocinar o jogo após a confirmação do ex-jogador. A programação oficial do evento foi divulgada em 30 de outubro, dois dias



Ronaldinho, Luciano Hang e Zé Roberto na loja da Havan, em Brusque. DIVULGAÇÃO

depois da eleição de Jair Bolsonaro. “Um nome como Ronaldinho abre portas”, diz Pereira. Embora ele afirme que outras marcas ajudaram a pagar o cachê da estrela, que cobra 200.000 dólares (780.000 reais) por exibição em eventos festivos e amistosos, à exceção de jogos beneficentes, o aporte da Havan foi determinante para bancar as despesas com convidados e levar a partida a Brusque pela primeira vez. Tal qual os garotos-propaganda havanistas, Ronaldinho voou no helicóptero da empresa e fez o habitual tour pela sede, ao lado do ex-companheiro de seleção Zé Roberto. No segundo turno presidencial, ele não se manifestou nem votou. Estava em turnê pela Ásia.

Além do Brusque Futebol Clube, a Havan patrocina outros dois clubes de futebol, ambos da primeira divisão nacional. No fim de 2017, assinou contrato de aproximadamente 3 milhões de reais com o Atlético Paranaense para exibir sua marca nas mangas do uniforme por uma temporada. Antipetista convicto, o mandachuva do clube, Mário Celso Petraglia, foi apresentado por Luciano Hang ao clã de Bolsonaro. Ele pretende se aproximar do presidente eleito após utilizar o time para apoiar sua campanha. Um dia antes do primeiro turno da eleição, o Atlético entrou em campo contra o América-MG vestindo uma camisa semelhante à confeccionada por Hang com mensagem de apoio subliminar a Bolsonaro: “Vamos todos juntos por amor ao Brasil”. O clube acabou multado em 70.000 reais pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) por

fazer manifestação política.


Em outubro, o Ministério Público do Trabalho (MPT) já havia denunciado Luciano Hang por coagir funcionários a votarem em Bolsonaro, sob ameaças de fechar lojas e promover demissões caso Haddad ganhasse a eleição. O empresário alega que nunca obrigou o voto de empregados da Havan, apenas disse “em quem achava que eles deveriam votar”. Apesar de a rede negar a seleção de funcionários e parceiros comerciais por afinidades ideológicas, seu dono já afirmou mais de uma vez que “petista não aguentaria trabalhar na Havan”.

O outro clube patrocinado pela Havan é a Chapecoense. Ao contrário do Atlético, o clube do Oeste catarinense não tomou posição institucional a favor de Bolsonaro. Porém, o principal apoiador da chapa bolsonarista em Chapecó tem as digitais impressas no clube, sobretudo depois da exposição que ganhou como porta-voz da equipe após a tragédia com o avião que levava a delegação para a Colômbia, em 2016. O prefeito Luciano Buligon comprou briga com o PSB para apoiar Bolsonaro na região. Por causa de sua escolha, foi expulso do partido. A Havan tem duas lojas em Chapecó. Atualmente, a empresa conta com 16.000 funcionários em 120 estabelecimentos espalhados pelo país. Após a vitória de Bolsonaro, Hang promete investir 500 milhões de reais, gerar 5.000 empregos e abrir 20 novas lojas somente em 2019, além de fazer valer ainda mais a máxima de que propaganda é a alma do negócio – e, por tabela, do ativismo político.

QUER MORAR, EMPREENDER OU ESTUDAR EM PORTUGAL?

PROCURE-NOS!



Somente
 **WhatsApp**
 27 99996-8666

Geraldo Ribeiro
 geraldoribeirocj@gmail.com

ATENDIMENTO EM LISBOA E NO PORTO

Tel.: Portugal
 00 351 963 798 888

Mais perto da cura

A chegada de remédios modernos contra o câncer a um custo menor deixará mais gente livre da doença

ISTOÉ

Por Cilene Pereira



PIONEIRA: Judy Perkins é a primeira mulher a usar as próprias células de defesa para conter um tumor de mama que havia se espalhado pelo corpo (Crédito: The Washington Post via Getty Images)

A americana Judy Perkins, 49 anos, é a primeira mulher do mundo a estar livre do câncer de mama há mais de dois anos depois de ter usado uma das estratégias da imunoterapia, o método mais avançado para tratar e, em muitos casos, curar o câncer. Trata-se de um tratamento biológico que fortalece o sistema imunológico para combater a enfermidade. No caso de Judy, cujo tumor havia se espalhado por outros órgãos (metástase), os médicos do Instituto Nacional de Saúde dos EUA extraíram dela células de defesa que localizam e matam o tumor, e as multiplicaram em laboratório, injetando-as novamente depois. As lesões cancerígenas sumiram. O mesmo estratégia foi usado com sucesso contra câncer de pulmão e de pele.

Embora o câncer seja entendido como uma doença complexa, que exige em geral mais do que uma abordagem, é sobre a imunoterapia que se deposita grande parte da esperança de cura para a maioria dos tipos da enfermidade. Não foi à toa que o Nobel de Medicina de 2018 foi para os médicos que deram início às pesquisas na área (o americano James Allison e o japonês Tasuku Honjo). O método enche os médicos de entusiasmo, inclusive como recurso em pacientes nos quais o câncer se espalhou. “É possível que estejamos

começando a curar pacientes metastáticos”, afirma o oncologista Pedro De Marchi, do Hospital do Amor, em Barretos, referência nacional no tratamento. “Temos pacientes que já pararam com os remédios e a doença não se desenvolve há cinco anos”, diz.

Produtos em análise

Além do caminho usado em Judy — por enquanto menos usual —, há os remédios imunoterápicos. Um dos obstáculos a seu uso, porém, é o custo. São medicações biológicas, cujo processo de fabricação é bem diferente, e mais caro, do aplicado nos medicamentos convencionais. Por isso, no Brasil há apenas um imunoterápico disponível pelo SUS, no Hospital do Amor, indicado contra tumores de pulmão e melanoma (agressivo câncer de pele) em estágios avançados. Uma rodada do tratamento custa cerca de R\$ 30 mil. Com a chegada dos biossimilares (semelhantes aos biofármacos de referência) ao mercado, a cura fica mais perto. Eles custam cerca de 30% menos. Com o fim das patentes, que começam a cair, a tendência é que os biossimilares entrem com força no mercado. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) já aprovou um biossimilar contra câncer e outros três passam pelo processo de aprovação. Eles têm prioridade de análise.

“Queremos tornar esse tratamento mais acessível”, explica Alessandra Soares, responsável pela área de registros de medicamentos e alimentos da Anvisa.

OS PRINCIPAIS TIPOS DE IMUNOTERÁPICOS

INIBIDORES DO CONTROLE IMUNOLÓGICO
Destruam as células do sistema de defesa para atacarem as células tumorais

ANTICORPOS MONOCLONAIS
Versões artificiais de proteínas do sistema imunológico criados para atacar partes específicas das células doentes

VACINAS
Em geral fabricadas a partir das células doentes do próprio paciente ou de compostos extraídos de outras células tumorais. Estimulam o corpo a combater a doença



As misteriosas propriedades da cera de ouvido

As baleias nunca limpam seus ouvidos. Ano após ano, a cera se acumula em seus canais auditivos, deixando para trás um rastro de ácido graxo, álcool e colesterol que pode praticamente contar a história de suas vidas.



Secreção tem várias funções de defesa do canal auditivo, segundo cientistas

Por Jason G. Goldman da BBC Future

Esse acúmulo acontece em muitos mamíferos, inclusive nós, humanos. Mas a cera que sai de nossos ouvidos não é tão interessante. Ela não oferece uma autobiografia nem fica muito tempo parada, já que temos o hábito de limpá-la com frequência. No entanto, a ciência por trás dessa secreção é fascinante.

Para começar, vamos chamá-la por seu nome mais “técnico”: cerume. A substância é produzida apenas pela parte externa do canal auditivo, graças a uma concentração de algo entre 1 mil e 2 mil glândulas sebáceas e glândulas sudoríparas modificadas.

Acrescente pelos, pele morta e outros detritos corporais, e você terá a receita da cera de ouvido.

Consistência é fundamental

Durante muitos anos, cientistas acreditaram que a principal função da secreção era lubrificar a região. Mas atualmente se sabe que ela é útil para evitar que insetos invadam as reentrâncias internas da cabeça. Alguns especialistas suspeitam ainda que a cera também atue como antibiótico.

Em um estudo realizado na Alemanha em 2011, que analisou a cera de voluntários, foram encontrados dez peptídeos que são capazes de impedir a proliferação de fungos e bactérias. Seus autores defenderam que as infecções no canal auditivo externo ocorrem quando falha o sistema de defesa proporcionado pela cera.

Mas outra pesquisa, realizada em 2000 pela Universidade La Laguna, na Espanha, chegou a conclusões opostas. Os cientistas descobriram que a secreção, na realidade, promovia a prolifera-

ção de bactérias, principalmente por causa da riqueza de nutrientes que oferece. Não foi o único estudo que colocou em xeque a ideia da propensão da cera a eliminar micróbios.

Uma diferença entre as duas pesquisas pode explicar os resultados tão distintos. Enquanto o estudo de 2011 usou voluntários que apresentavam uma tendência à cera seca, o de 2000 se concentrou na forma mais úmida da substância.

A propensão a um tipo ou outro de cera é algo determinado geneticamente, mais especificamente por uma única letra em um único gene.

O tipo úmido é geneticamente dominante, tanto que a cera de ouvido tem sido usada para rastrear os padrões antigos de migração humana. Os descendentes de caucasianos e africanos têm mais chance de apresentar um cerume úmido, enquanto asiáticos do Extremo Oriente apresentam uma variação mais seca. Os dois tipos são mais equilibrados entre ilhéus do Pacífico, habitantes da Ásia Central e indígenas do continente americano.

Perda auditiva e até paranoia

Mas, para a maioria de nós, a questão mais premente no que se refere à cera de ouvido é como removê-la da melhor maneira. No século 1 d.C., os romanos já faziam referência a métodos como inserir óleo quente ou vinagre, dependendo do tipo de cerume. De fato, hoje em dia, muitos médicos ainda usam óleo de amêndoas ou azeite de oliva para amolecer a cera compactada, antes de retirá-la.

A verdade é que algumas pessoas realmente sofrem de problemas com cera de ouvido graves o suficiente para que seja necessária uma interven-

ção médica. Uma análise de 2004 mostrou que 2,3 milhões de pessoas na Grã-Bretanha visitam seus médicos a cada ano para solucionar o problema. Cerca de 4 milhões de ouvidos são tratados todo ano no país.

Idosos, crianças e pessoas com dificuldades de aprendizado são os mais afetados por problemas relacionados com o acúmulo de cera. O sintoma mais óbvio é uma perda auditiva, mas muitos também sofrem de isolamento social e até uma ligeira paranoia.

Os cientistas também notaram que muitos pacientes apresentam o tímpano perfurado, provável resultado da tentativa caseira de remover a cera.

Riscos do cotonete

O hábito de limpar os ouvidos com cotonete após o banho tem sido desencorajado por médicos por causa de certos riscos. Às vezes o algodão pode se soltar e se alojar no canal auditivo, por exemplo.

A recomendação é deixar o trabalho a cargo de um profissional, que em geral utiliza um produto amaciador e, em seguida, faz uma irrigação.

Outro procedimento condenado é a terapia alternativa da vela de ouvido, na qual uma vela oca feita de cera de abelha ou parafina é colocada perto da orelha e acesa. A teoria é de que o calor dentro do tubo vazio acabe “atraindo” o cerume para fora do ouvido.

Não há, no entanto, nenhuma evidência que comprove que essa prática funciona. Ao mesmo tempo, já ficou comprovado que a cera quente da vela pode cair no tímpano, provocando muita dor.

China pouisa sonda Chang'e 4 na face oculta da Lua



Sucesso da missão representa um passo a mais no ambicioso programa espacial do país asiático

A China pela primeira vez na história conseguiu fazer uma alunissagem na face oculta da Lua. A nave *Chang'e 4*, lançada em 8 de dezembro, tocou o solo do satélite da Terra nesta quinta-feira à 0h26 (horário de Brasília), de acordo com a Administração Nacional Espacial da China. O sucesso do pouso na Lua, só anunciado oficialmente cerca de duas horas depois de ocorrido, é mais um marco para o ambicioso programa espacial da China, ainda distante do dos EUA em financiamento, mas transformado em prioridade absoluta para as autoridades chinesas.

A nave espacial não tripulada entrou em órbita lunar elíptica durante o último domingo, com o ponto mais próximo do astro a cerca de 15 quilômetros de sua superfície e o mais distante a uns 100 quilômetros, segundo a Administração Nacional Espacial da China. Desde então, os cientistas buscavam o momento mais apropriado para colocar a sonda na superfície lunar porque a parte não visível do satélite tem períodos de dia e noite que duram cerca de 14 dias terrestres, e a luz solar era necessária tanto para que tanto o módulo de pouso como o veículo móvel de exploração funcionassem como planejado.

Enquanto isso, os engenheiros constataram o bom funcionamento da sonda e do satélite *Queqiao*, que faz a ligação para as comunicações deste veículo de exploração com a Terra. O fato de a comunicação com a sonda não poder ser direta – a própria massa da Lua a impede – é um dos principais obstáculos técnicos da missão. Por fim, a sonda tocou a superfície suavemente na cratera Von Karman, de 186 quilômetros de diâmetro, localizada na bacia de Aitken (Polo Sul), que por sua vez é uma das maiores crateras de impacto conhecidas no sistema solar e uma das mais antigas da Lua. "O homem abriu um novo capítulo na exploração lunar", disse a agência espacial chinesa em um comunicado.

O objetivo da sonda *Chang'e 4* é sobretudo analisar a composição do terreno e o relevo da área, o que poderia fornecer pistas sobre as origens e a evolução da Lua. Essa face do satélite, invisível da Terra, é muito diferente da que conhecemos. Se a face exposta mostra "mares" planos de basalto e

relativamente poucas crateras, o outro lado está cheio disso e sua composição parece diferente. A missão chinesa poderia reunir dados sobre a evolução e geologia dessa área desconhecida do satélite.

A nave chinesa completou assim um novo marco na exploração espacial, que esta semana testemunhou outras duas conquistas. A sonda *Osiris-Rex* da NASA desceu até o asteroide Bennu e orbitou a apenas um quilômetro e meio de sua superfície. Essa manobra complicada depende da força de microgravidade exercida pela rocha, com apenas 500 metros de diâmetro.

O ano começou com a passagem de outra sonda norte-americana – a *New Horizons* – por Ultima Thule, o corpo celeste mais distante do Sistema Solar visitado até hoje.

As seis agências espaciais de todo o mundo (China, Europa, Índia, Japão, Estados Unidos e Rússia) participam da nova corrida pela exploração lunar. Há quase meio século, as missões *Apollo* colocaram Neil Armstrong na superfície do nosso satélite. As amostras obtidas são um tesouro científico para entender a origem do sistema solar e os princípios gerais da formação dos planetas.

A *Chang'e 4* é assim chamada em homenagem a uma deusa que, de acordo com a mitologia chinesa, habita a Lua. Após a alunissagem, está previsto o deslocamento de um veículo de exploração que começará a percorrer essa paisagem lunar desconhecida e transmitir dados que esclarecerão algumas das principais questões sobre a face oculta do satélite.

A nave é irmã da *Chang'e 3*, que em 2013 pousou no lado visível da Lua com o explorador lunar *Yutu* a bordo. A missão foi considerada um sucesso, embora a *Yutu* (que significa lebre de jade em mandarim) só tenha conseguido percorrer 110 metros antes de seus sistemas falharem sem reparo possível.

Neste caso, explicou o chefe do programa de exploração lunar chinês, Wu Weiren, numa coletiva de imprensa em agosto, a nave espacial foi projetada com uma "maior adaptabilidade" aos terrenos acidentados. O artefato, segundo Wu, é "o

mais leve desse tipo no mundo", pesando 140 quilos. Embora tenha sido anunciado que seu nome seria decidido por votação popular em outubro, até agora o apelido com o qual este veículo será conhecido ainda não foi divulgado. Mas foi informado que tem seis rodas e está equipado com uma câmera panorâmica, radar e espectrômetro de imagens infravermelha, entre outros aparatos.

A espaçonave, por sua vez, também possui câmeras para registrar o pouso na Lua e as imagens do terreno, além de um espectrômetro de baixa frequência. A Administração Nacional Espacial da China já publicou as primeiras fotografias enviadas pela sonda durante a alunissagem.

Além de analisar os dados da superfície lunar, a missão inclui outros experimentos científicos. A *Chang'e 4* leva ovos de bicho-da-seda, sementes de batata e flores para observar a germinação, o crescimento e a respiração em condições de baixa gravidade na superfície lunar.

No próximo ano, a China planeja enviar uma nova sonda à Lua, a *Chang'e 5*, cuja missão será coletar amostras de solo e trazê-las de volta à Terra.

O programa espacial chinês fez enormes progressos na última década. Ainda está muito atrasado, em termos de tecnologia e orçamento, em comparação com o dos Estados Unidos: estima-se que seja dotado do equivalente a 6 bilhões de dólares (cerca de 23 bilhões de reais) enquanto a agência espacial dos EUA possui 40 bilhões de dólares (150 bilhões de dólares). Mas tem a vantagem de receber o apoio inequívoco do Governo chinês. Isso se encaixa perfeitamente na estratégia de crescimento econômico estabelecida por Pequim, que quer priorizar a inovação e o desenvolvimento tecnológico, e contribui para a segurança nacional. Além disso, serve como uma ferramenta diplomática e de *soft power*.

O país já deu os primeiros passos para a construção de uma estação espacial, a *Tiangong-3*, que deverá estar pronto em 2022. Para 2030 a China pretende enviar uma missão tripulada à Lua, uma meta à qual os Estados Unidos renunciaram com o encerramento do programa *Apollo*.

Jair Bolsonaro concede ao SBT a primeira entrevista após posse

PARTE 01



PARTE 02



PARTE 03



O pacote de Moro

Ministro acerta ao eleger lentidão da Justiça como prioridade a combater

Folha de S. Paulo

Ademora para que os processos criminais no Brasil produzam consequências, problema cujo combate foi alçado às prioridades do ministro Sergio Moro em sua posse na Justiça, acarreta uma série de incentivos ruins para a sociedade.

Beneficiam-se com a lentidão apenas os culpados, cujo acerto de contas com a lei se posterga. Já os inocentes terão de se submeter a um custoso calvário até terem seu status reconhecido.

Um dos principais efeitos benéficos da aplicação da pena ao culpado, o de inibir a prática delituosa por outros pelo efeito exemplar da punição, dissolve-se com o alargamento do prazo entre o cometimento da falta e sua consequência.

Além disso, acossados diante do anseio por um sistema mais rápido e eficiente, alguns operadores do direito são instados a percorrer atalhos problemáticos. Abusam de prisões temporárias e preventivas, conduções coercitivas e operações policiais espetaculosas.

Paradoxalmente, garantias individuais acabam sendo relaxadas para tentar compensar o efeito do amplo leque de recursos que, a título de fortificar o direito de defesa, resulta apenas em protelação. Essa nem de longe é uma forma equilibrada de consertar o defeito.

Ao esboçar seu pacote anticrime, Moro teve o mérito de relativizar o caminho muitas vezes populista de elevar penas. É mais promissor focar a eficácia do processo, como na intenção de consagrar a execução imediata das penas por crimes contra a vida reconhecidos pelo tribunal do júri.

A questão mais espinhosa trata de estabelecer como regra a possibilidade de prisão após a condenação do réu em segunda instância.

Pelo pouco que deixou entrever, o ministro da Justiça parece inclinado a defender uma nova redação para o artigo 283 do Código de Processo Penal, que resguarda a punição aos casos em que não há mais chance de recurso.

O dispositivo em 2011 fora alterado para harmonizar-se com uma mudança de opinião



do Supremo Tribunal Federal, que em 2009 tornou-se contrário às prisões de condenados em segunda instância.

O texto teria de ser novamente atualizado diante da reviravolta de 2016—que ganhou peso político desproporcional com o encarceramento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Nesse tópico, Moro e a maioria legislativa terão pouco a fazer caso prevaleça a conduta

errática do STF. Em abril um novo julgamento da matéria está marcado, com chances palpáveis de ocorrer a terceira guinada em uma década.

Cortes constitucionais maduras não alteraram jurisprudências fundamentais apenas porque a maioria circunstancial dos ministros mudou de ideia. Prestigiam o valor da segurança jurídica. Espera-se que o Supremo absorva essa lição.



Filtro

ANUNCIE CONOSCO

Temos um espaço publicitário para divulgar sua empresa, produtos ou serviços



Contato:
27 99968-5641
lsfcastro@gmail.com



PERITO AVALIADOR

AMARO COUTINHO

NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

Confira algumas de nossas oportunidades



**Propriedade Rural
com fonte de água
mineral de mesa
fluoretada**

Detalhes

**Apartamento 3
quartos com suite
em Santa Luiza
Serra/ES**

Detalhes

**Terreno BR 101
Norte - Serra/ES
Em frente ao Posto
Chapada Grande**

Detalhes

Somos capacitados a prestar os seguintes Serviços

Vendas



Prestamos assessoria a compradores e vendedores de imóveis novos e usados.

Avaliações



Avallações e perícias Judiciais em ações como desapropriações, indenizatórias, demarcatórias, perdas e danos, renovatória de locação, usucapião, vistorias, lucros cessantes entre outras...

Consultoria e investimentos



Prestamos serviço de consultoria para você que busca fazer um investimento.



PERITO AVALIADOR

AMARO COUTINHO

NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

PERITO AVALIADOR - CNAI 20076 | CORRETOR - CRECI - ES 8831-F
27 3067-2727 | + 55 27 99960-2727

Av. Eudes Sherrer de Souza, 1025
Sala 814, Laranjeiras, Serra/ES, BR

www.amarocoutinhoimoveis.com